

4

Adolescentes do Sexo Masculino Explorados Sexualmente

Este momento da dissertação é dedicado à complexidade da exploração sexual comercial envolvendo adolescentes do sexo masculino. Primeiramente, mostra os resultados da observação participante realizada nas abordagens noturnas juntamente a equipe do SECABEXS nos pontos de prostituição adulta (quatorze) e nas áreas com crianças e adolescentes em situação de rua (dois), apresentando os locais (nove) e a quantidade de garotos em situação de exploração sexual (vinte e nove), descrevendo algumas características dos grupos presentes em cada espaço da cidade do Rio de Janeiro. Após isso, apresenta-se o perfil sócio-demográfico dos cinco adolescentes que aceitaram participar das entrevistas semi-estruturadas propostas e em sequência são expostos fragmentos de suas histórias afetadas pela situação que vivem, mostrando a vivência deles nos programas sexuais, destacando desde a inserção nesta atividade até as formas atuais, como são os preços de seus serviços, as práticas e papéis sexuais exercidas, assim como a jornada dedicada ao mercado do sexo. Por fim, conforme informado pelos garotos, aponta a perspectiva de futuro e as sugestões deles para as possíveis formas de evitar a exploração sexual comercial.

4.1

Localizando os adolescentes do sexo masculino explorados no comércio do sexo

Como foi apresentando no capítulo anterior, tanto nos pontos de prostituição adulta (quatorze) quanto nas localidades onde crianças e adolescentes encontram-se em situação de rua (dois) foram vistos adolescentes do sexo masculino em situação de exploração sexual comercial na cidade do Rio de Janeiro.

Desse modo, o Quadro I – Pontos de Prostituição Visitados apresentado na página 75 deste trabalho é reconstruído aqui na Tabela 2, que se segue para registrar em números e idade a presença de adolescentes do sexo masculino em situação de exploração sexual comercial, no período da realização da pesquisa (junho a dezembro de 2008).

Claro que o número pode variar de acordo com o momento da observação, pois a movimentação desse segmento é constante, mas o que se pretende dar aqui de forma exemplar são alguns traços desses adolescentes, enfatizando que trata-se da vida de seres humanos.

Tabela 2: Adolescentes do Sexo Masculino Explorados Sexualmente na Cidade do Rio de Janeiro

Nº	Pontos de Prostituição	Idade Presumida	Total
1	Av. Augusto Severo (Glória)	NI ⁵⁹	01
2	Cocotá (Ilha do Governador)	NI e 17 anos	02
3	Estrada do Pau Ferro (Jacarepaguá)	16 e NI anos	02
4	Quinta da Boa Vista (São Cristóvão)	14 a 17 anos	14
5	Lapa (Centro)	15 a 17 anos	03
6	Praça do Ó (Barra da Tijuca)	NI	02
7	Rodoviária no Rio (Santo Cristo)	16 anos	01
8	Rua da Regeneração (Bonsucesso)	16 e 17 anos	03
9	Rua São Luiz Gonzaga (São Cristóvão)	14 anos	01
Total de Adolescentes do Sexo Masculino em Situação de Exploração Sexual Comercial			29

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

Esses nove pontos possuem características semelhantes com certos matizes peculiares.

Na Av. Augusto Severo – Glória foi identificado uma jovem travesti loira, que fazia o estilo “ninfetinha”, uma vez que a construção do corpo encontrava-se na fase inicial, possuindo seios diminutos. Traja rotineiramente saias, tops ou vestidos cor de rosa e uma sandália rasteira para a atividade da prostituição, que exerce diariamente, cobrando conforme a tabela do ponto de prostituição, isto é, R\$ 20,00 (vinte reais) para o

⁵⁹ NI corresponde a Não Identificado, apesar da declaração da faixa etária ser de maior idade, a aparência física era de adolescente.

sexo oral e R\$ 50,00 (cinquenta reais) para o sexo completo. Não revelou nada sobre o preço pago para estar na rua, isto é, o uso do ponto de prostituição e nem a respeito do aliciador e agenciador. Aparentava ser tímida e estava sempre desconfiada com aproximação da equipe de abordagem, pegando a camisinha oferecida e respondendo as perguntas dirigidas a ela de forma monossilábica. Para o pesquisador a mesma relatou ser natural de Fortaleza, estando há poucos meses no Rio de Janeiro. Mora no bairro da Glória com outras travestis. Ainda, declarou ter idade de 18 anos, no entanto, as outras travestis falavam que ela parecia ter menos idade, ficando a mesma irritada com os questionamentos das colegas. A partir das reações dessa travesti e de sua aparência, da percepção do pesquisador e da equipe de abordagem presume-se que ela tem a idade entre 15 e 16 anos.

Os dois jovens em situação de exploração sexual comercial na localidade do Cocotá – Ilha do Governador relataram ser namorados. Um possui 17 anos, negro, estatura baixa, de poucas palavras, contando que era morador desse bairro. Ele confirmava tudo que dizia a travesti com estilo “travestinha”, isto é, pouca transformação no corpo, pouca maquiagem, roupas femininas da moda (saia jeans, top preto e sandália de salto). Esta travesti é branca, com aproximadamente 1,75 de altura, é muito falante. A mesma declarou ter 20 anos, mas a aparência não corresponde com a idade declarada, sendo presumido que esta esteja ainda na fase da adolescência. Inicialmente ambos verbalizaram não se dedicarem à prática sexual comercial, porém no decorrer da conversa, contaram que fazem programa sexual eventualmente, pois possuem ciúmes um do outro e a família não concorda com esta atividade, mas respeita a relação amorosa do casal (Diário de campo, setembro, 2008).

Já nas incursões realizadas na Estrada do Pau Ferro – Jacarepaguá duas travestis supostamente na fase da adolescência estavam neste local para realizar programas sexuais. Uma aparentava ter 16 anos de idade, é negra, baixa, com o estilo “ninfentinha”, usando roupas femininas da moda. Disse fazer uso de hormônios femininos e ingestão de silicone líquido, tendo seios fartos e quadris largos. Ela foi muito simpática com a equipe. Contou ser moradora da Cidade de Deus, residindo com a família. Enfatizou o respeito familiar e comunitário com a sua identidade de travesti e que todos sabem sobre a prática da prostituição, informando que recentemente teve uma rápida passagem por São Paulo,

para realizar programas sexuais, mas decidiu retornar ao Rio de Janeiro. Disse ela que lá tem um alto contingente de travestis na prostituição e as cariocas não são bem quistas no seu meio. A outra travesti presente nesse ponto é branca, alta, natural de São João de Meriti, mas reside na comunidade Gardênia Azul – Jacarepaguá na casa de outra travesti, que exerce o papel de cafetina. Possui traços masculinos no rosto, que a maquilagem não consegue esconder. Encontra-se na fase inicial da construção do corpo feminino, pois usa uma peruca de fios longos, negros e aparentemente desgastados pelo uso. Tem pouco seio, em função da pouca utilização do hormônio feminino, como ela mesma salienta, não faz uso constante dessa substância, pois precisa manter a ereção peniana para manter os programas sexuais. Esta tratava os membros masculinos da equipe de abordagem e o pesquisador de “bebê”, além disso, na maioria das conversas mantidas estava sob efeito de drogas. A mesma em várias ocasiões disse ter várias idades, desde 16 anos a 20 anos, no entanto, a aparência é de adolescente (Diário de Campo, agosto, 2008).

A área da Quinta da Boa Vista – São Cristóvão possui a maior quantidade de adolescentes travestis em situação de exploração sexual comercial nos pontos visitados, tendo sido mantido contato com 14 travestis, com idades entre 14 e 17 anos. Uma iniciando o processo de montagem e transformação corporal para o feminino, fazendo uso de perucas e enchimentos nos sutiãs para aparentar seios. Outras já ingerem hormônios femininos e com aplicações de silicone feminino. Algumas com o corpo feminino formado, com seios, maçãs do rosto e quadris com aplicações de silicone líquido, sendo estas com maior prestígio dentro do grupo, pois de acordo com o grupo possuem mais beleza. As ‘travinhas’ como são chamadas, são provocativas, usam roupas muito curtas, mexem com os motoristas e transeuntes que passam pelo local, oferecendo os serviços sexuais e mostrando os corpos. Muitas moram nas redondezas do bairro de São Cristóvão com outras travestis mais velhas, que desempenham o papel de aliciadoras e agenciadoras. Estes cobram das ‘travinhas’ o aluguel da moradia, do ponto de prostituição e parte do programa sexual, que é tabelado sobre a lógica do local, sendo R\$ 10,00 (dez reais) para o sexo oral e R\$ 30,00 (trinta reais) para o sexo completo, ativo ou passivo (Diário de campo, 2008).

No ponto de prostituição da Lapa – Centro foram encontrados três adolescentes do sexo masculino, com idades entre 15 e 17 anos, todos inicialmente verbalizaram ser de

maior idade, porém com o vínculo estabelecido contaram a idade que correspondia a imagem de adolescente. Estes estão vinculados a normas e regras a prostituição de homens nesta área, dizendo ser “boy”. Exercem programas sexuais em casa noturna, sendo a rua uma complementação de renda, nos dias em que a boate não tem movimento. Estes a todo instante comentavam das mulheres que passavam e referiam-se às namoradas, ressaltando sua masculinidade. Dois desses adolescentes serão descritos na próxima seção deste capítulo.

Na Praça do Ó – Barra da Tijuca duas travestis supostamente adolescentes foram identificadas. Elas relataram ser de maior idade, mas apesar da maquiagem acentuada no rosto, aparentavam pouca idade. Estas desconversavam quando o assunto era idade e o preço pago para ficar na rua. Ambas são bonitas, com cabelos longos pretos, altas, com o corpo definido através de exercícios físicos. Usam aplicações de silicone líquido nos seios e fazem uso de hormônios femininos no corpo, fazendo estilo “top” e “ninfeta” usando roupas da moda, calça “capri e corsário” e tops para a realização dos programas sexuais.

Na Rodoviária Novo Rio – Santo Cristo, os garotos contaram que são abordados por homens para manterem relações sexuais, porém relataram que não saíam, pois não eram “viados”, apontando para um dos meninos que é homossexual, afirmando que ele fazia programa. O contato com este adolescente foi mantido com facilidade, pois este foi usuário do CRIA –RJ, já tendo um vínculo anterior entre pesquisador e o adolescente. Na próxima seção deste capítulo o referido adolescente será apresentado.

Na Rua da Regeneração – Bonsucesso, foram encontradas três travestis adolescentes, todas com o estilo “travinha”, sendo duas com 16 anos e uma com de 17 anos. Uma das adolescentes com 16 anos é parda, magra, franzina, traja sempre vestido para a realização dos programas e possui características físicas femininas, faz uso de hormônios femininos, tendo seios diminutos, desejando colocar silicone, ressaltando que será pouca quantidade, sendo somente para modelar, por considerar feio o corpo avantajado e quer permanecer com o estilo “mion”. Usa o cabelo curto com um corte moderno e tingido de vermelho, contando que adotou este corte, em virtude da queda capilar em decorrência o excesso de produtos químicos aplicados no cabelo. Esta

adolescente fica distante das demais travestis, permanecendo numa esquina sozinha. Contou que realiza programas sexuais desde os 14 anos, quando assumiu a identidade de travesti. Sofre rejeição familiar, da mãe e de dois dos três irmãos, em função disso, saiu de casa para morar com uma travesti adulta. No entanto, após uma briga com a amiga travesti retornou ao convívio familiar, desenvolvendo agora uma relação amistosa com a mãe, apesar desta ainda não aceitar a travestilidade da filha. Não têm contato com os irmãos (12 e 9 anos), que não falam com ela, sendo seu contato maior com o irmão de 6 anos de idade, que a trata com carinho. A adolescente ficou emocionada ao relatar o convívio familiar. Além disso, contou que já realizou programas sexuais nos pontos de prostituição de travesti, como Barra da Tijuca, Bonsucesso, Copacabana, Estrada Pau de Ferro e Quinta da Boa Vista. Tem como clientes homens de todas as idades, porém a maior parcela é de homens acima de 50 anos e que todas as vezes que se dedica à prostituição em uma área precisa pagar R\$ 50,00 (cinquenta reais) pela permanência no ponto de prostituição (Diário de Campo, agosto, 2008).

A outra adolescente de 16 anos é parda, com cabelos enrolados na altura do ombro, possui estatura mediana, usa sempre roupas curtas para a atividade sexual comercial, fazendo o estilo “travinha”, tendo seios pequenos, fazendo uso de hormônios e uma pequena aplicação de silicone líquido no quadril. Ela é bonita, sendo considerada pelas outras a mais bonita do local, dona de um belo sorriso, sendo simpática com a equipe técnica, apesar de mostrar um pouco de desconfiança ao ser indagada sobre a idade, dizendo assim:

Tenho 18, não tenho 16, mas bota 19 anos aí. Não vai dá merda pra mim? Não vai dá polícia? (...) Às vezes falo que tenho 14 ou 13 anos para aqueles pedófilos, que gostam de criancinhas (Diário de campo, setembro, 2008).

Esta adolescente reside com outras travestis na comunidade da Mangueira e realiza programas sexuais também na Quinta da Boa Vista.

A travesti de 17 anos que encontra-se inserida no mercado do sexo em Bonsucesso, é gorda, branca, extrovertida, reclamando muito do preconceito sofrido pelas próprias travestis, falando ser tratada de forma hostil pela sociedade. Ela faz o estilo “ninfeta”, com roupas curtas, faz bastante uso de maquiagem. Esta tem pouco tempo que

permanece neste ponto de prostituição de travesti, uma vez que ficava na Quinta da Boa Vista, mas como contou, acabara de ser expulsa de lá, pois a acusaram de roubar os pertences de outras travestis. Ela nega os furtos (Diário de campo, outubro, 2008).

O adolescente em situação de exploração sexual comercial na Rua São Luiz Gonzaga é apontado pelos demais como “viado”. Ele é pardo, longilíneo, com algumas marcas de acne no rosto. Nos contatos feitos apresentava um sorriso desconfiado. Ele faz uso de roupas femininas e gosta de ser chamado pelo nome feminino, mas vale ressaltar que ele não fez nenhuma mudança corporal, isto é, não faz uso de hormônios e nem silicone. Este jovem e sua família perambulam pelas ruas. Ele é conhecido pela equipe de abordagem e acompanhado pelas equipes técnicas do Centro Municipal de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes Leila Diniz e do SECABEXS Santa Cruz, tendo várias passagens por abrigos da rede municipal.

Cabe destacar, que numa das incursões na Rua São Luiz Gonzaga foi presenciado este adolescente e uma adolescente negociando o valor da atividade sexual com um senhor branco, com cabelo grisalho, aparentando ter 55 anos aproximadamente. Após conversarem saíram os três acompanhados de uma senhora negra, com idade aproximada de 40 anos. O adolescente ao ver que a equipe observava a negociação começou a fazer gestos de masturbação. Imediatamente a equipe de abordagem se retirou do local e acionou a Delegacia de Proteção à Criança e Adolescente – DPCA.

A participação dos adolescentes do sexo masculino no comércio sexual não se restringe a esses pontos apresentados, como também, esses adolescentes circulam por outros territórios, como por exemplo, as três adolescentes apresentadas na Rua da Regeneração – Bonsucesso, já que os vínculos e as conversas foram estabelecidos nesta localidade, mas duas destas foram vistas na Quinta da Boa Vista e a outra na Estrada do Pau Ferro – Jacarepaguá. Isto também foi notado na Rua São Luiz Gonzaga, pois alguns adolescentes também permanecem na Rodoviária Novo Rio.

Assim sendo, através das incursões nas áreas com crianças e adolescentes em situação de rua e nos pontos de prostituição adulta foram identificados adolescentes do sexo masculino explorados sexualmente que se identificam conforme a territorialidade específica, sendo classificados de quatro formas: 1) michês ou boys; 2) travinhas ou

ninfetinhas e 3) bichas. Desse modo, para clarificar segue a Tabela 3 indicando a localidade e as respectivas identificações:

Tabela 3: Localidades e Identificações dos Adolescentes do Sexo Masculino Explorados Sexualmente

Nº	Localidades	Identificação	Total
1	Av. Augusto Severo (Glória)	Travinha	01
2	Cocotá (Ilha do Governador)	Bicha Boy e Travinha	02
3	Estrada do Pau Ferro (Jacarepaguá)	Travinha	02
4	Quinta da Boa Vista (São Cristóvão)	Travinha	14
5	Lapa (Centro)	Boy	03
6	Praça do Ó (Barra da Tijuca)	Travinha	02
7	Rodoviária no Rio (Santo Cristo)	Bicha	01
8	Rua da Regeneração (Bonsucesso)	Travinha	03
9	Rua São Luiz Gonzaga (São Cristóvão)	Bicha	01
Total de Adolescentes do Sexo Masculino em Situação de Exploração Sexual Comercial			29

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

A classificação de boy, travinha e bicha, é uma terminologia carregada de estigmas⁶⁰ e de muitos preconceitos na sociedade, sendo os adolescentes vinculados aos adultos que estão inseridos no mercado do sexo e grupos tidos como desviantes. Eles são culpabilizados por se encontrarem inseridos no mercado do sexo, como também são descaracterizados enquanto adolescentes, isto é, pessoas em desenvolvimento, que devem ser tratados com respeito.

A utilização do termo boy dentro de um grupo de adolescentes, especialmente se dá pela participação ativa nas relações sexuais comerciais. A identidade sexual é

⁶⁰ Acerca desse estigma, Goffman (apud Parker e Aggleton (2002, p. 10) diz que este “é atribuído pela sociedade com base no que constitui “diferença” ou “desvio”, e que é aplicado pela sociedade por meio de regras e sanções que resultam no que ele descreve como tipo de “identidade deteriorada” para pessoa em questão”.

reconhecida como heterossexual e até como bissexual, mas nunca como homossexual, porque os jovens afirmam que praticam relações homossexuais somente para conseguir dinheiro, nunca por desejo. Este grupo apresenta características semelhantes aos michês de São Paulo estudado Perlongher (1987), sendo chamado por ele de prostituição viril. Além disso, o funcionamento da exploração sexual está sob a ótica da prostituição adulta.

O termo boy também é anexado ao termo bicha, isto é, a expressão bicha-boy, está sendo usada pelos homens que se prostituem em Cocotá – Ilha do Governador para identificar aqueles que possuem identidade homossexual e se prostituem. O adolescente nessa região se denomina assim. Possui vida afetiva com uma travesti e mantém relações sexuais comerciais com homens.

Entretanto, bicha boy difere do adolescente bicha ali encontrados, pois este possui identidade homossexual e trejeitos femininos, assim como encontram-se em situação de rua, sendo apontados pelo grupo de adolescentes como “bichas” e “veados”.

Já os adolescentes do sexo masculino que possuem a identidade de travesti, são chamados e se identificam como travinhas, tendo um número expressivo na Quinta da Boa Vista. Este termo é utilizado no meio em função da pouca idade, pouca transformação no corpo e na fase de iniciação no mercado do sexo. Neste caso, o termo possui semelhanças com o que Silva (2007, p.55) chamou de “ninfetinha”, pois “valem-se da precocidade com que começaram a ingerir hormônios femininos para legitimar sua permanência naquela região”, como também, pela ousadia mostrada juntos aos clientes, chamando-os de forma provocativa, exibindo o corpo e falando gracejos.

Vale ressaltar que as classificações não são fixas, como salienta Silva (2007) nos casos das travestis adultas, que algumas já foram tidas como “michês”, depois como “top” e tornando a “traveção” e Perlongher (1987) no caso da prostituição viril que o garoto michê pode se tornar a travesti no futuro. Neste sentido, acredita-se que o adolescente “michê” pode se tornar a “bicha” ou a “travinha” e vice-versa.

4.2

Perfil dos Adolescentes do Sexo Masculino em Situação de Exploração Sexual Comercial

Depois do estabelecimento de vínculos com as pessoas que se prostituem nas ruas e com os jovens em situação de rua iniciaram-se as tentativas de convite aos 29 adolescentes do sexo masculino, que foram encontrados em situação de exploração sexual, para participarem de entrevistas individuais.

A primeira reação dos adolescentes foi de estranhamento e desconfiança, tendo um grupo de adolescentes recusado imediatamente a proposta, dizendo que não gostavam dessas coisas. Outros após perguntarem “se não daria merda para eles”, questionaram se não teria “polícia” ou “juizado de menor”⁶¹ envolvidos. Alguns até concordaram em serem entrevistados, porém não compareceram a entrevista no dia combinado, não atenderam ou passaram seus números telefônicos errados.

As entrevistas aconteceram no decorrer dos meses de outubro a dezembro de 2008 e janeiro de 2009. Tiveram a duração média de quarenta minutos e foram realizados em locais públicos, tais como shops, bar e lanchonete em circunstâncias de posição de recantos que preservassem o sigilo do que estava sendo abordado. Na ocasião mais uma vez foi garantido a cada entrevistado o resguardo da sua identificação e enfatizada a intenção do trabalho acadêmico.

Para apresentar os cinco adolescentes do sexo masculino que aceitaram participar da pesquisa faz-se uma breve caracterização de cada um e a seguir descreve-se o perfil sócio-demográfico dos mesmos. Neste registro são utilizados nomes fictícios inspirados nos protagonistas da novela juvenil “Malhação” da rede Globo de Televisão: Marina⁶², Angelina⁶³, Luciano, Gustavo e André. São estes os adolescentes:

Marina: Adolescente de 17 anos mostra identidade sexual de travesti, com o corpo transformado em feminino. É parda, possui altura mediana, de cabelos negros,

⁶¹ Os adolescentes utilizam a expressão Juizado de Menor para referir-se ao Juizado da Infância, Juventude e do Idoso.

⁶² A utilização do nome fictício feminino se dá em respeito a identificação do gênero feminino presente neste adolescente, que adotou um nome feminino no cotidiano.

⁶³ Ibidem.

longos e encaracolados, com ausência de dentição aparente. É extrovertida, muito falante e receptiva a abordagem. Veste roupas curtas e sensuais (um minúsculo short jeans, uma baby-loock preta e sandália de salto alto), usa maquilagem para realizar programas sexuais na Quinta da Boa Vista. No momento da entrevista usava uma bata preta, bermuda jeans e sandálias havaianas.

Angelina: Adolescente de 14 anos mostra identidade sexual de travesti, corpo em transformação para o feminino. É negra, magra, de estatura baixa, tem cabelos curtos, crespos e negros. Aparentava timidez e introversão, mostrando desconfiança com a abordagem. Na Quinta da Boa Vista usava roupas curtas, short jeans e sandália de salto plataforma vermelha, estando com unhas feitas e bastante maquilagem, escondendo a pouca idade. Já no dia da entrevista trajava bermuda jeans, camiseta de malha vermelha longa e chinelos, estando sem maquilagem, mostrando melhor sua pouca idade.

Luciano: Adolescente de 17 anos, pardo, de estatura mediana. Usa cabelo estilo ‘black power’ e apresenta corpo definido através de malhação. O adolescente é falante e foi bastante receptivo às conversas informais e à entrevista realizada. Nos momentos da rua vestia bermuda jeans e sandália masculina da moda, com tiras brancas e permanecia sem camisa, mostrando o abdominal definido. Agora, para entrevista ele apresentou-se com a mesma bermuda jeans e sandália, usando camiseta regata azul.

Gustavo: Adolescente de 16 anos, negro, estatura mediana, magro, cabelo cortado rente. É de poucas palavras, tanto no ponto de prostituição quanto no momento da entrevista, nessa ocasião vestia bermuda, camiseta regata e chinelos.

André: Adolescente de 16 anos, negro, magro, baixo, cabelo cortado rente, apresenta problemas de visão e manchas de queimadura nos braços e no rosto, falante. Tanto nas ruas quanto na entrevista vestia bermuda, camiseta e chinelos.

- **Aspectos Sócio-Demográficos**

Neste trecho serão apresentadas as características pessoais, isto é, idade e questão racial dos adolescentes entrevistados, assim como os aspectos sociais, de escolaridade e ocupação laboral do grupo estudado.

▪ Quanto a Faixa Etária

A faixa etária das crianças e adolescentes exploradas sexualmente no Brasil segundo os Anais do Seminário sobre a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Américas, em 1996, apud Leal (1999, p. 7) oscila entre 10 a 19 anos.

Algumas pesquisas apresentam predominância diferente acerca da faixa etária das crianças e adolescentes em situação de exploração sexual comercial em diferentes partes do país. Na investigação realizada por Lopes e Stoltz (2002) na exploração sexual comercial de crianças e adolescentes na região de Foz do Iguaçu, Paraná – Brasil as idades dos sujeitos pesquisados variam entre 8 e 17 anos, com predominância na faixa etária entre 16 e 17 anos. Libório (2003, p.194) aponta que o grupo estudado variava entre 13 e 17 anos, mas as adolescentes do sexo feminino exploradas sexualmente na cidade de Presidente Prudente – SP a maioria era de 14, 16 e 17 anos. Além disso, Paiva e Pereira (1996, p.235) destacam que em alguns Estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil, tais como: Pará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará e Distrito Federal a média de idade da maior concentração em 14 anos e no Amapá a de 12 anos.

A faixa etária dos cinco entrevistados varia entre 14 e 17 anos (Angelina 14 anos, Gustavo 16 anos, André 16 anos, Luciano 17 anos e Marina 17 anos), correspondendo esta faixa ao período da adolescência considerado pelo Estatuto da Criança e Adolescente (12 a 18 anos). O impacto da exploração sexual comercial é incontestável. Como salienta Eva Faleiros (2004, p. 89) esta etapa da vida é marcada ainda pela imaturidade emocional, pela insegurança sobre a própria auto-imagem, sexualidade exacerbada, desejos de afirmação e liberdade. É uma faixa em que seus participantes são altamente influenciados pelos grupos e pela cultura de consumo.

▪ Quanto à Raça e Etnia

Segundo Osório (2003, p.13)) é possível adotar dois critérios de identificação de raça e etnia: auto-identificação e heteroatribuição. O primeiro critério consiste na liberdade das pessoas para afirmar sua cor, raça e etnia e a segunda é o pesquisador que

atribui a raça e etnia de acordo com a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia – IBGE: branco, preto, pardo, amarelo e vermelho.

Neste trabalho, adotou-se a auto-identificação que os adolescentes verbalizaram quando indagados sobre própria cor, raça e etnia:

Quadro 2: Auto-Identificação de Cor-Raça-Etnia

Auto- identificação	Adolescentes
Morena – Mulata	Marina, 17 anos
Pardo – Negro	Luciano, 17 anos
Moreno	Angelina, 14 anos Gustavo, 16 anos
Negro	André, 16 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

Para melhor compreensão, seguem alguns relatos dos próprios adolescentes em situação de exploração sexual entrevistados:

No papel é negra, mas sou morena, mulata não é isso? (Marina, 17anos).

Cara! Eu nem sei ... acho que é pardo, tá no coisa [Certidão de Nascimento]⁶⁴ que é pardo, porque eu sou filho de português. Aí eu acho que está pardo, porque a minha mãe é (...) negra, (...) eu me sinto negro entendeu! Sei lá assim ... eu levo essa parada, até porque fui criado com o meu avô um bom tempo, então me considero negão (Luciano, 17 anos).

Moreno, (...) minha raça é negra, mas eu sou moreno (Gustavo, 16 anos).

Ao observar os adolescentes do sexo masculino em situação de exploração sexual comercial sobre a perspectiva de heteroatribuição foram identificados dois pardos e três pretos, assim sendo, os cinco compreendem a raça-etnia negra.

⁶⁴ Colchete para explicar a que se referia

Assim sendo, comparando as duas formas de identificação de raça-etnia utilizadas fica evidente que os cinco adolescentes do sexo masculino em situação de exploração sexual comercial são negros, ocorrendo por parte de três desses adolescentes a não identificação com a raça negra, porém concordando com a observação de Amaro (2005, p.72) compreende-se que a existência das repostas evasivas ocorre em função do “medo da associação com os estereótipos historicamente impostos aos afrodescendentes”.

A predominância de adolescentes negros no mercado do sexo é apontada nas pesquisas sobre exploração sexual comercial infanto-juvenil, sendo esta característica citada por Leal (1999), como também, por Ávila, Oliveira e Filho (2004), que acrescentam a dificuldade das meninas em situação de exploração sexual em Salvador em assumirem-se negras.

Além da presença maior de adolescentes do sexo feminino negras na pesquisa realizada por Libório (2003), esta também ao comparar a escolaridade, saúde, violência intra-familiar e exclusão social das garotas negras com as brancas, identifica que as adolescentes negras possuem condições sociais inferiores. Possuem escolaridade mais baixa e residem em áreas com altas taxas de exclusão social.

Desse modo, a raça e etnia negra aparecem como prevalecente nas pesquisas sobre a exploração sexual comercial infanto-juvenil no Brasil, o que inclui esta investigação sobre adolescentes do sexo masculino inseridos no mercado do sexo na cidade do Rio de Janeiro. Este fenômeno ocorre em função da violência estrutural, que permeia a sociedade brasileira historicamente, baseada no machismo e no racismo, existindo um significado importante no pertencimento racial, já que a desigualdade social brasileira tem cor, a negra.

De acordo com Henriques (2001, p.9) com base nos dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea “os negros em 1999 representam 45 % da população brasileira, mas correspondem a 64 % da população pobre”.

Como observa Hasenbalg (2005) os negros brasileiros encontram-se na condição de subordinação da estrutura de classe, estando nas posições inferiores no sistema de estratificação social.

Esta desigualdade racial no Brasil afeta as crianças e adolescentes negras, que por sua vez são mais vulneráveis socialmente comparando-as com as crianças brancas, pois as primeiras encontram-se com mais incidência nos postos de trabalho e com menor escolaridade.

Henriques (2001, p. 34) apresenta que em 1999 “20% das crianças negras e 13 % das crianças brancas na mesma faixa de 10 a 14 anos participavam do mercado de trabalho” e “8% dos jovens negros entre 15 e 25 anos são analfabetos, sendo 3 % entre os brancos”.

Para prosseguir, faz-se necessário conhecer a escolarização dos adolescentes do sexo masculino em situação de exploração sexual comercial, a fim de correlacionar como esta violência sexual e estrutural atingem a este grupo.

▪ Quanto à Escolaridade

O Quadro 3 indica as respostas dos adolescentes sobre o período escolar em que estão e a frequência deles na rede de ensino.

Quadro 3: Escolaridade e Frequência Escolar

Escolaridade	Frequência	Adolescentes
6ª Série do Ensino Fundamental	Não Sim	Angelina , 14 anos André, 16 anos
7ª Série do Ensino Fundamental	Não	Marina, 17 anos
8ª Série do Ensino Fundamental	Não	Luciano, 17 anos
1ª Ano do Ensino Médio	Não	Gustavo, 16 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

Além do baixo nível de escolaridade (ensino fundamental) em relação a faixa etária dos adolescentes, a não frequência escolar no momento em que foram coletados os dados da pesquisa chama atenção. O motivo apontado para a não frequência escolar foi a

pouca motivação e principalmente a atividade de trabalho⁶⁵ e/ ou a inserção na exploração sexual comercial. É incompatível desenvolver essa atividade e frequentar a escola. O abandono escolar é uma consequência.

Para exemplificar seguem alguns relatos dos jovens:

Eu sexta, parei por causa que fui começar a trabalhar na pista. (...) não tenho nenhuma vontade de voltar estudar (Angelina, 14 anos).

Tenho 8ª série completa. Por causa (...), tipo eu não parei, estava fazendo supletivo e até metade do ano, seis meses, seis meses e outra série, então até esse meio do ano eu perdi, não consegui passar. (Luciano, 17 anos).

1º ano. Eu estudei mas parei no meio, no meio do ano. Parei, né! A vida é assim oh! A gente vai pro colégio direto, sabe quando a gente vai pro colégio duro. Aí não tem como né cara, estudar assim sem dinheiro, aí os amigos te chamam, alguma garota quer sair contigo. Aí já não agüentava, tinha dinheiro, mas era pouco. Aí, surgiu esse boato aí, eu trabalho em dois lugar. Aí como vou tarde pra casa, fica ruim pra estudar, entendeu? (Gustavo, 16 anos).

Os relatos dos adolescentes do sexo masculino em situação de exploração apontam para o trabalho e/ ou a exploração sexual como motivo para o abandono escolar. Agora, segue-se o exame acerca do trabalho realizado por eles.

▪ Quanto a Ocupação

O trabalho precoce prejudica o crescimento integral da criança e do adolescente, pois os mesmos deixam de brincar, não vão à escola, não participam de atividades culturais, esportivas, artísticas e de lazer, correspondentes à sua idade. Além disso, a situação de trabalho coloca em risco a saúde física e a segurança pessoal da criança e do adolescente, mas ainda faz parte do senso comum da realidade brasileira a sensação que essa atividade possa aumentar a renda familiar ou até mesmo seja o caminho para adquirir dinheiro para seu próprio sustento.

⁶⁵ Como aponta IBGE (2001, p.33): “no conjunto de pessoas de 5 a 17 anos de idade que não eram estudantes, 12,1% não frequentavam escola por terem que ajudar nos afazeres domésticos, trabalhar ou procurar trabalho”.

Os cinco adolescentes exerceram ou exercem alguma atividade ocupação como se pode notar no Quadro 4:

Quadro 4: Ocupação Econômica

Ocupação	Adolescentes
Ambulante	Marina, 17 anos
Camelô e em Rejunte de Piso	Bruna, 14 anos
Escavador de Fosseis Arqueológicos e atendente de Lan House	Luciano, 17 anos
Traficante e Barman	Gustavo, 16 anos
Ambulante e Manicure	André, 16 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

Os relatos dos três adolescentes falam sobre isso

Arqueologia. Tipo assim, o projeto quando aparece, eles me ligam e eu vou. Entendeu? Como se fosse um espero, tem um contrato, é contratual meu trabalho. (...) Lá eu faço escavações de fosséis (Luciano, 17 anos).

Eu já trabalhei na barraca de doce, já trabalhei assim (...), tinha uns 12 anos, era em Cascadura. (...) Ah! Uns últimos tempos atrás, eu tinha saído da pista. Aí eu continuei a trabalhar na barraca também e voltei (...) pra pista de novo. Trabalhei em rejunte, lá no Pechincha, de prédio. Rejunte, de rejuntar piso. (...) Gostava mais ou menos, né? Mais ou menos né? (risos) Só, que eu me lembre só (Angelina, 14 anos).

Trabalhei na boca do meu irmão, vendia drogas e era olheiro, mas saí dessa vida, não quero morrer não, tenho medo de morrer, já vi a morte de perto. Agora, aí sou boy e trabalho num puteiro de mulher de manhã como barman. (...) Eu começo das 8 horas da manhã até às 7 da noite. (...) Comecei com 16 anos, ano passado [2008]⁶⁶. Meu primo que me levou, ele trabalhava lá, ele saiu e me botou na vaga. O maluco lá gostava dele, mandou escolher, ele já foi pro outro puteiro que o dono botou, Entendeu? Tipo assim, trabalha, trabalha e vão te passando de puteiro, eles tem 3 casas já (Gustavo, 16 anos).

As atividades realizadas pelos adolescentes do sexo masculino em situação de exploração sexual são aviltantes, insalubres, perigosas e ilegais, como por exemplo, a de

⁶⁶ Colchete para mostrar a data.

tráfico realizada por Gustavo, assim como, a de longa jornada de trabalho como barman numa casa de prostituição feminina, local clandestino. As atividades exercidas não possibilitam crescimento pessoal e nem educacional, somente a atividade de escavação realizada por Luciano, possui vertente educativa e preparatória para o mercado de trabalho, sendo as demais atividades precárias e abusivas.

▪ Aspectos de Saúde

Neste trecho serão apresentados os cuidados relativos à saúde, à manutenção do corpo e a interferência da droga na vida dos adolescentes em relação à influência do mercado do sexo nestas situações.

De acordo com a conceituação da Organização Mundial de Saúde – OMS, que a compreende a saúde como: “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de afecção ou doença”⁶⁷. Esse aspecto merece atenção especialmente neste estudo.

Os adolescentes do sexo masculino em situação de exploração sexual comercial ao serem indagados acerca dos cuidados com a saúde responderam conforme o Quadro 5, aponta:

Quadro 5: Cuidados com a saúde

Cuidados	Adolescentes
Utilização de preservativos	Luciano, 17 anos Marina, 17 anos
Utilização de preservativos e Cuidados com a higiene pessoal	Gustavo, 16 anos
Utilização de preservativos e Exames de saúde	André, 16 anos
Utilização de preservativos e Visita ao médico	Angelina, 14 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

⁶⁷ Informações colhidas no site http://www.multirio.rj.gov.br/cime/CE08/CE08_001.html

Percebe-se que esses adolescentes têm no uso de preservativo sua principal forma de cuidar da sua saúde e do corpo. Foi destacado o uso de preservativo nos programas sexuais comerciais, porém com os parceiros afetivos somente Gustavo (16 anos) afirmou manter essa mesma posição, dizendo: *“Uso, claro! Se não ele não vem. Uso sempre, uso até com a fiel [namorada fixa]”*⁶⁸. *Já é padrão mesmo, para não ter aquele descuido [gravidez]*⁶⁹, *já é padrão mesmo para não ter aquele problema*”. Os outros adolescentes, verbalizaram que não usam o preservativo com os parceiros afetivos, como por exemplo: Luciano, 17 anos disse: *“Tipo, aqui sempre [programas sexuais]”*⁷⁰. *Agora com as minhas relações, tipo namoradas de já de muito tempo (...)*. O relato do André (16 anos) repete: *“tudo com camisinha [programa sexual]”*⁷¹, *só não uso com o A. [namorado]*⁷², *porque sei que ele não tem nada*”.

A realização de exames de saúde e visitas ao médico fazem parte dos cuidados com a saúde de dois adolescentes, André e Angelina. O primeiro utiliza-se dos serviços médicos quando encontra-se abrigado, “eu sempre faço exame médico quando sou abrigado. A última mês foi quando estive no X. [instituição]”⁷³ e estou limpo” (André, 16 anos). Agora, Angelina (14 anos) utiliza o sistema de saúde privado, conforme relata:

eu tenho plano de saúde, que a minha avó todo mês paga. Aí eu vou e cuido da minha saúde, aí ela vai e passa (...). Tenho ido ao médico, ele já até falou pra eu parar de tomar hormônio, isso e aquilo. Ele falou pra mim parar, por causa que como eu posso engordar bastante, que o resultado pode ser outro.

Os demais adolescentes (Luciano, Gustavo e Marina) não têm acesso ao sistema de saúde, pois não procuram os serviços médicos em função do medo de serem maltratados ou por não sentirem sintomas de doenças e/ ou por acreditarem que não ficam debilitados.

Neste aspecto, destaca-se o relato do Luciano (17 anos):

Eu não faço muita coisa não, porque minha saúde é assim quase que intacta, entendeu? Eu nunca tive muito esse negócio de doença, esse negócio de (...),

⁶⁸ Colchete para explicar a que se referia.

⁶⁹ Ibidem.

⁷⁰ Ibidem.

⁷¹ Ibidem.

⁷² Ibidem.

⁷³ Ibidem.

como é o nome das manchinhas vermelha no corpo? Nunca tive sarampo, rubéola, caxumba, nada disso. Quando era novinho tive (...) como chama? Lactose? Não podia tomar lactose (...). Aí eu passei muito mal, mas aí depois de lá, parece que eu fiquei assim: bem, até hoje assim é resfriado, essas coisas não tenho muito, também não me preocupo muito com essas coisas.

Gustavo (16 anos) diz: “Não gosto de médico, acho que a última vez que fui no médico foi quando eu tomei Bezetacil, porque tava com febre, isso já faz maior tempão”.

Existe também a dificuldade do acesso aos serviços públicos de saúde, como ressalta Marina (14 anos):

Ih! Médico é uma coisa que não vou há tanto tempo, meu amor, jura! Ai! Não tenho paciência pra ir ao médico mais não. Médico é longe e na Mangueira não tem nada. Tem só um postinho que fica fechado todo dia. Eu queria passar por um psicólogo, eu tenho vontade, mas (...).

Agora, ao serem indagados sobre os cuidados com o corpo, a estética ficou aparente nas respostas dadas. Porém mostraram despreocupação com a saúde, já que fazem uso de produtos farmacêuticos com restrição e riscos de consequências adversas.

Quadro 6: Manutenção do Corpo

Manter o corpo	Adolescente
Boa alimentação, Corrida, Anabolizante e Estimulante sexual	Luciano, 17 anos
Futebol	Gustavo, 16 anos
Hormônio Feminino	Angelina, 14 anos
Hormônio Feminino e Silicone	Marina, 17 anos
Nada	André, 16 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

As formas para manutenção do corpo na maioria estão ligadas aos produtos da indústria farmacêutica, direcionadas para estimular ao hormônio feminino e ao apetite

sexual, que podem provocar efeitos colaterais, como observado no relato de Angelina (14 anos): *“hormônio dá muito enjoô, dá fome também. Agora não tou tomando, mas eu vou voltar a tomar, porque praticamente vou botar silicone na bunda. Na bunda, na perna e no quadril”*.

Como também na fala do Luciano (17 anos):

Eu já tomei, entendeu? Tomei ontem, só que ..., que dor de cabeça cara! Eu nunca tinha tomado aquilo. Tomei Pramil⁷⁴ essa vez. Então, me deu uma dor de cabeça e não funcionou, não funcionou. Claro eu já tinha tomado cerveja e não podia tomar cerveja até por eu (...), por causa do corpo. Também eu pingo uns venenos no corpo, anabolizantes, então eu não posso beber, se não corta o efeito.

Observa-se que a ingestão de estimulante sexual, bebida alcoólica e de anabolizante, consiste num coquetel de drogas, consumido pelo adolescente, sem nenhum cuidado. Chama a atenção o abuso do consumo de estimulantes para efeitos de estética, assim como para a prática sexual. Mesmo com os efeitos colaterais, eles persistem em usar estas ou novas tecnologias farmacêuticas, para modificarem ou construir novos corpos, para responderem à lógica do mercado do sexo.

A indústria do sexo contribui para o consumo dos tais produtos médicos, pois são nestes locais que os adolescentes têm conhecimento e adquirem tais produtos, mas também financia, quando lhe interessa como explica Marina, 17 anos, *“Ah! Coloquei silicone, vou colocar próteses, coloquei implante, tomei hormônio. No dia 15 agora a bicha que está na Europa vai mandar o dinheiro pra pagar, eu vou colocar na clínica em São Paulo”*.

▪ Quanto às Drogas

Como apresentam Libório (2003), Campatti e Carvalho (1998) e Lopes e Stoltz (2002) o consumo de drogas faz parte do universo das crianças e dos adolescentes explorados sexualmente. Nesta pesquisa a situação dos adolescentes do sexo masculinos

⁷⁴ Pramil é medicamento genérico do remédio Viagra, que é indicado para ajudar homens com disfunção erétil, porém o Pramil está com venda proibida no Brasil. Para melhores informações sobre este remédio consultar o site: <http://www.online.unisanta.br/2005/05-07/saude-2.htm>.

inseridos na exploração sexual não é diferente, como mostram os dados a seguir no Quadro 7:

Quadro 7: As drogas

Drogas	Adolescentes
Maconha	Marina, 17 anos, Angelina, 14 anos
Maconha e Cocaína	Luciano, 17 anos
Maconha, Thinner e Crack	Gustavo, 16 anos
Maconha, Lolô, Cigarro e Cola	André, 16 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

As drogas fazem parte do cotidiano desses jovens, sendo a maconha a mais utilizada, nem que seja através da experimentação

Não uso, não entra no meu corpo de jeito nenhum (...). Já fumei maconha assim: Shhhhhhhhh. Aí acabei ficando maluca, sem assim (...) aí fui dormir. Nem cigarro coloca na minha boca, não acendo nem pra minha mãe (Marina, 17 anos).

Entretanto, os outros consomem os entorpecentes com frequência, usando antes da inserção no mercado do sexo, como explica Gustavo (16 anos):

Uso de drogas? Pode falar? Uso dois tipos: maconha e thinner. (...) A primeira vez foi com 13 anos (...). Eu já fui viciado, fui internado numa clínica, por causa do crack, aí saí dessa vida legal, fiquei internado um mês.

Porém Luciano (17 anos) ressalta que na exploração sexual passou a consumir outra droga além da que ele usava:

“Uso maconha e pó, só. Tipo maconha já desde uns 15 assim, que eu já comecei a curtir num baile com os meus primos mesmo, são até do movimento, essas coisas, coisa e tal. Agora pó, quando cheguei aqui na boate, entendeu? Agora nessa vida que eu tou começando a usar isso, mas também não sou aquilo,

também não sei daqui pra frente pode piorar. Mas consigo cortar as coisas, entendeu? Quando eu vejo que estou de mais.

▪ Aspectos Relativos à Família

De acordo com os adolescentes, a família está pautada na convivência e no vínculo de consangüinidade, tendo elos de familiares de mãe, pai, irmãos, tios, primos, avós e bisavó e no vínculo de pertencimento junto aos que moram no mesmo espaço e/ ou possuem algum tipo de relação.

Quadro 8: de Composição Familiar

Composição Familiar	Adolescentes
Mãe e irmã	Marina, 17 anos
Avó, primo, mãe e 5 irmãos (crianças e adolescentes)	Angelina, 14 anos
Pai, mãe, avó, minha e bisavó	Luciano, 17 anos
Mãe, padrasto e 2 irmãos (adultos)	Gustavo, 16 anos
Avó, tio e duas primas (adolescentes)	André, 16 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

Sobre o relacionamento familiar os adolescentes declararam:

É boa, é boa, todo mundo conversa, todo mundo (...) por ser até de uma religião assim mais tranqüila, que é o esoterismo, então o pessoal é mais tranqüilo, conversa (...) (Luciano, 17 anos).

Eu tenho 2 casas, estou morando em Belford Roxo agora e de vez enquanto eu passo o final de semana aí. No Jacaré mora eu e meu irmão na casa da minha mãe, que ela deixou lá. Em Belford Roxo mora minha mãe, minha irmã e meu padrasto. (...) A relação com meu irmão é normal, normal assim, ele não sabe que eu sou boy assim. Ele sabe que eu trabalho no puteiro de mulher, que sou barman. (...) Ele é agressivo, quer ser o dono de tudo, o mais esperto. Meu irmão é seco. Ele xinga e eu xingo ele pra caramba. Briga, briga mesmo, briga de irmão, discussão. Com a minha mãe é mais tranqüilo, chega, fica (...). Mãe é mãe (risos). Sabe como é? Sabe como é puxar o saco (Gustavo, 16 anos).

Mais ou menos, razoável, né? A gente discute. Não vou pro colégio, porque to com sono. Aí toda semana minha avó é chamada no colégio, porque eu fico rebolando na sala, debochando da professora (André, 16 anos).

Apesar da existência das relações familiares e das respostas apontadas como boas ou razoáveis, identifica-se que os relacionamentos são difíceis, sendo baseados na relação material, na qual o adolescente torna-se provedor ou contribuinte no orçamento familiar. Além disso, a contribuição financeira atenua a orientação e identidade sexual travesti, como também a inserção no mercado do sexo, sugerindo que os mesmos sejam culpados por serem explorados sexualmente. Neste sentido, os adolescentes relatam.

Minha mãe me aceita, me adora. Dei um telefone pra ela, sem ser esse domingo agora que passou, o outro. Dou dinheiro pra minha mãe todo domingo, levo dinheiro pra ela, entendeu. Aí! Minha mãe me aceita. Minha mãe gosta de mim pra caramba, ela não quer eu vou viajar, porque ela tem medo. Aí falei não mãe, vou viajar pra ti dar mais dinheiro, pra senhora não ficar uma velha pobre (Marina, 17 anos).

Observa-se que os vínculos familiares estão fragilizados. As famílias não conseguem cuidar e proteger os seus adolescentes. Eles estão fora da rede de ensino, permanecem fora de casa por dias, residem em outros lugares sem ou com consentimento do responsável, não tem o convívio contínuo com outros jovens, ocorrendo fraca troca afetiva entre eles e seus familiares.

Entretanto, chama-se atenção para a existência da influência direta e/ ou indireta de familiares e parentes de três dos cinco adolescentes do sexo masculino na exploração sexual comercial.

No caso de Marina, um primo a levou para realizar programas sexuais em outra localidade, já que esta realizava a atividade sexual comercial num ponto de prostituição, participando assim na transição e inserindo-a no mercado do sexo com mais afinco.

Como salienta Marina (17 anos):

Meu primo que me levou, me levou pra lá [Quinta da Boa Vista] e eu fiquei, meu primo que é travesti também. Travesti não, porque ele só se veste de mulher, não tem silicone, não tem implante, não tem nada, a gente fala que é travesti, mas não é travesti realmente, porque pra ser travesti tem que ter 3 coisas: um cabelão, um peitão e óleo no corpo. (...) A minha primeira vez na Quinta, eu tava com uma

peruquinha loira com um buraco imenso aqui, há muito tempo atrás, quando as bichas na Quinta estavam todas se fazendo⁷⁵, agora já estão todas feitas.

Já no caso do Gustavo, o irmão contribuiu para a entrada do adolescente no mercado do sexo regular, pois como Gustavo de 16 anos salienta:

Comecei a trabalhar na boate porque eu não queria sair tarde pra casa. Eu trabalhava nesse lugar aí [referindo-se ao prostíbulo onde trabalha como barman]⁷⁶. Aí o padrão tem que fazer isso e isso, foi uma, foi duas, aí foi rolando, aí saía tarde de lá. (...) Ah! Aí entrar em casa ficava difícil, muito ruim, a polícia pára muito, pensa que é bandido, pensa logo que é bandido, aí fica esculachando, principalmente se a pessoa tiver com alguma coisa e se tiver com coisa grande (mochila), fala logo que é gerente do tráfico e se tiver com o bagulho é pior ainda. Principalmente pra mim, que sou irmão do dono da boca, aí me param toda hora, pensam que sou traficante, eu já trabalhei com ele, já fui aviãozinho.

Com a repressão policial na comunidade local, sendo Gustavo alvo das abordagens policiais, situação que agravada por causa do irmão, que é traficante, fez com que o adolescente encontrasse proteção no mercado do sexo, algo que o Estado e a família não garantiram para ele.

No caso de Angelina, os dois irmãos mais velhos encontram-se na exploração sexual comercial, fazendo com que esta tivesse conhecimento do mercado do sexo, como também, contribuíram para a inserção dela nesta atividade.

Como relata Angelina (14 anos),

Eu tenho uma irmã de 14, não de 16, depois vem a M. [referindo-se ao irmão travesti]⁷⁷ 15 anos (...). Meu irmão também é homossexual, ele trabalha na pista também [Copacabana e Quinta da Boa Vista]⁷⁸. Eu tenho uma distância dele, é por causa que ultimamente, eu tenho muitas coisas com ele, por causa que, certas vezes ele anda fazendo alguma coisa [furto]⁷⁹, que não é o meu ritmo. Então minha irmã estava (...) ela era piranha também, faz programa lá em Madureira (...) alí perto da B. [casa noturna]⁸⁰, na coisa (...). Aí ela entrou pra uma thermas, assim com identidade falsa. Aí eu fui pra Madureira, eu fiz, e aí me parou um carro (...).

⁷⁵ O termo “se fazendo” no universo das travestis corresponde ao processo de transformação corporal para feminino.

⁷⁶ Colchete para explicar a que se referia.

⁷⁷ Colchete para mostrar a ocupação laboral.

⁷⁸ Colchete para mostrar os pontos de prostituição.

⁷⁹ Colchete para explicar a que se referia.

⁸⁰ Colchete para mostra o estabelecimento.

Quatro dos cinco adolescentes verbalizam que seus responsáveis desconhecem a inserção na exploração sexual comercial, pois como afirma Gustavo (16 anos), “*Ninguém sabe, ninguém pensa, ninguém, quando eles souber não vão nem acreditar. Sou mulherengo pra caramba, sabe?*”.

Compreende-se que a falta de proteção por parte família facilita a entrada e a permanência dos adolescentes do sexo masculino na exploração sexual, pois os mesmos ficam mais suscetíveis de serem cooptados pela rede de exploração sexual.

▪ Quanto às Lembranças da Infância

Para prosseguir neste capítulo traz-se brevemente a lembrança dos adolescentes acerca da sua infância, na qual eles descreveram suas lembranças, mostrando aspectos positivos e negativos desse período, sendo possível revelar a construção dos papéis de gênero e como isto repercutiu para eles.

A fase inicial da vida apresenta significados diferentes para os adolescentes. As brincadeiras tidas como masculinas, futebol, carrinho, pião, entre outras, assim como as aventuras, contato com a natureza e participação em instituições fizeram parte da infância do Luciano e do Gustavo. Eles consideraram isso como momentos prazerosos e satisfatórios da vida.

Maior coisa de infância, era a infância como é, jogava bola direto, vivia indo a praia lá em Belém. (...) Ih! Jogava de futebol, ia pra praia, era mais um peixe do que um carro na área. (...) Aqui no Rio só ficava dentro de casa, queria ir pra Copacabana pra conhecer o mar, mas não sabia andar aqui não! (...) Primeiro, eu comecei logo os meus estudos, comecei atrasado já, aí me botaram na escola, pra eu estudar, depois que comecei a freqüentar as praias, aí acampava, escoteiro, tipo, eu era escoteiro (Gustavo, 16 anos).

Ah! Cara, lembro muito não quando era pequenininho, não cara, eu tipo estudava num de (...), colégio militar, Fundação Osório, até os 8, no caso até o tempo que fiquei na Tijuca, então era muito rígido, assim colégio militar, entendeu? Muito rígido, então foi tranquilo. Lá da minha área lembro de muitas coisas caras, sei lá, tipo de Belford Roxo minha família toda lá, as reuniões de família que tinha a zoeira que tem lá, entendeu? Porque lá por ser roça assim, ainda tem muita coisa guardada lá, entendeu? Da minha infância tenho só recordações boas, brincava de pião, bola de gude, futebol. (...) Lá na minha área

também a gente subia nos pés de manga, sempre tem (...), comer fruta. (Luciano, 17 anos.

Agora, para Marcela, Angelina e André o período da infância foi marcado por angústia, discriminação, agressividade, visto que apresentavam identificação com os elementos do gênero feminino, desejando ou brincando com bonecas e com as meninas. Eles relatam:

Eu era uma pessoa levada, chata, injusta e mentirosa, só qualidade ruim. Ah! De boa só ser bonito e meus dentes na boca. (...) Ah! Apanhava dos outros, roubava bonecas das meninas, prendia as meninas no banheiro, batia nelas, tocava o terror. Hoje não, estou convertido (André, 16 anos).

Que eu lembro? (risos) Quase nada, lembrava que todo mundo ficava me criticando, isso e aquilo. Só isso. (...) Adorava brincar com a minha prima de boneca, adorava. Até hoje mesmo (...). Eu gostava de brincar (...) já brinquei com meu primo também (...) de médico, essas brincadeirinhas. Aí foi que comecei a gostar de brincar de boneca, isso e aquilo. (Angelina, 14 anos).

Ai! Eu nunca fui uma criança muito alegre não entendeu, nunca fui uma pessoa (...). Se eu disser pra você que sou feliz é mentira. (...) Ai! Eu joguei bola já, soltei pipa, era gostoso, jogava, era legal, jogava bola, soltava pipa, soltei pião, joguei bolinha de gude, isso com uns 8, 9 anos. (...) Ai! Brinquei até uns 12, uns 12 só. Depois dos 12 eu falei que não agüentava mais, agüentava mais não. Falei assim: vou querer ser uma coisa que eu não sou. Porque eu não me considero homem (Marina, 17 anos).

▪ **Circulo de Amizades**

Sobre este aspecto, percebem-se duas posições distintas de amizade, pois um grupo remete-se à amizade como manutenção dos vínculos com pessoas do período da infância ou com a família, já outro grupo diz que estabelecem laços com as pessoas adultas que se prostитуem constituídos no circulo de amigos.

As amigas dos adolescentes do sexo masculino que mostram identidade de travesti estão ligadas aos vínculos com as amigas de infância ou com a família. É ressaltada a desconfiança existente entre as travestis.

Amigo meu pra mim é minha mãe. Elas [travestis que se prostituem no mesmo espaço]⁸¹ não são não. Amigos só minha mãe e minha irmã, tem mais não (Marina, 17 anos).

A minha amiga é a Monique, que mora perto da minha casa e a C., só. (Angelina, 14 anos).

Para os outros adolescentes, Luciano, André e Gustavo os amigos são considerados alguns homens que se prostituem, em função das dicas sobre o funcionamento do mercado do sexo e dos momentos de diversão com estes, como também apresentam os amigos da comunidade, com quem saem juntos para se divertir.

Ah cara! São muitos cara, são muitos, muitos, muitos amigos. Sei lá tipo, tem o L., que é esse meu amigo de 3 anos que me acolhe lá, acolhe não, já sou de casa, tem lá (...), tem o T., o G., todo mundo ali [casa de prostituição]⁸². Todo mundo ali me deu vários toques, antes quando eu cheguei lá não queria fazer nada, não sei como eu estou assim já, entendeu? (Luciano, 17 anos).

Eram P., J, A, N, os melhores foram mandados embora [referindo a casa de prostituição]. Tem o M. o C., só esses 2 agora, o resto é tudo malvado. (...) Pô! Fora [da prostituição] eu tenho vários amigos, o D., R. e B., ando com eles direto, no domingo vou a festa com eles (Gustavo, 16 anos).

▪ Quanto aos Namoros

Os adolescentes têm relações afetivas com pessoas do mesmo sexo ou com sexo diferente, com pessoas da mesma faixa etária ou mais velha, como também, com mais de uma pessoa.

Existem adolescentes do sexo masculino que possuem namorados, mostrando afeto pelos parceiros, apontando os ciúmes como um aspecto positivo da relação, como são os casos dos adolescentes Marina e André.

Eu tenho meu namoradim, ele tem 18 anos, é moreno assim da minha cor, fortézim, bonito. Ele é legal, eu gosto dele (Marina, 17 anos).

To namorando, ele tem 19 anos, fica na rua comigo. Ele tem muito ciúme de mim, não deixa eu sair com os caras [os clientes]⁸³. Ele é muito ciumento (André, 16 anos).

⁸¹ Colchete para mostrar a data.

⁸² Ibidem

⁸³ Colchete para mostrar a data.

Além disso, observa-se a dificuldade de manter as relações de namoros e programas sexuais comerciais concomitantemente.

Eu tinha uma namorada até sábado, só que ela sabia da minha vida já um mês, desse trabalho, só que ela é super-cabeça fria, por causa que ela também tem um primo que já foi boy, virou boy e agora faz filme. Aí foi mais tranqüilo pra ela aceitar, só que tipo, esse garoto que me trouxe aqui, ele contou pra todo mundo lá, que estava apaixonado por um traveco, (...) lá na minha área e sabiam que eu trabalhava com ele, aí então, deu um rololo do caramba. Aí tipo, ela agüentou durante um mês, mas aí ela não queria sofrer. (Luciano, 17 anos).

Outro afirma possuir três namoradas, salientando que possui a namorada fixa e outras eventuais:

To namorando com três, duas são daqui de baixo [Rio de Janeiro]⁸⁴ e a fiel de Belford Roxo, tem 16 anos também, ela só estuda. As outras é de lá da onde eu trabalho, tem duas putas que ficam comigo, entendeu? Elas são de maior uma tem uns 45 e uma tem 20 (Gustavo, 16 anos).

Ademais, a existência da dificuldade de estabelecer vínculos de namoro, dizendo que não consegue se manter com único parceiro, justificando através do aspecto natural do programa sexual comercial.

Não. (...) eu já namorei (...). É porque eu acho que já nasci com sangue de (...) de programa mesmo, por causa que (...) por exemplo, eu fico uns dois dias com homem e no terceiro dia eu já me enjoa, então eu não agüento (...) isso é de mim mesmo (Angelina, 14 anos).

▪ Quanto à diversão e o lazer

Este momento dedica-se ao registro das diversões e dos lazeres realizados pelos adolescentes, com intuito de saber o seu cotidiano e principalmente o que fazem fora da exploração sexual.

⁸⁴ Colchete para mostrar a cidade

Quadro 9: Diversão dos Adolescentes

Diversão	Adolescentes
Ficar em casa e praia	Marina, 17 anos
Lan House e dormer	Angelina, 14 anos
Casa de prostituição onde permanece em situação de exploração sexual, boate e festa	Luciano, 17 anos
Ir a festas	Gustavo, 16 anos
Ficar na rua, jogar queimada, ir para baile e religião afro-brasileira	André, 16 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

Apesar das várias situações de diversões apontadas pelos adolescentes, destacam-se dois aspectos importantes: Um colocado por Marina, que fala sobre a dificuldade para se divertir, para usufruir o direito de ir e vir, em virtude da identidade sexual de travesti, salientando a discriminação sofrida e a constante postura de sobreaviso para sair as ruas fora do momento dos programas sexuais.

Não me divirto, eu fico em casa, (...) só fico em casa, só fui pra praia hoje só, (...) só que é uma diversão que você tem que botar a cara pra frente e encarar o outro, porque por mais que você vai a praia e a praia é público, você é uma pessoa que pros outros você é diferente. Travesti pro um homem ele é diferente. Eu não sei o que ele pensa da gente (...) tens uns que gostam e tens uns que não gostam, tem uns que não gostam e muitas vezes agente não sabe. Aí a gente tem que encarar, botar o nariz pra frente. Se falar alguma coisa, nós discuti. A gente somo muito estressada nós travesti, somo muito estressada (Marina, 17 anos).

Outro aspecto, diz respeito as afirmações que a casa da prostituição e a rua são locais de diversão para dois adolescentes. Eles destacam esses lugares em função da música, da agitação, da circulação e movimento das pessoas que ocorrem nesses espaços.

Poh! Cara, no momento assim é sair, entendeu? Ainda mais lá, que trabalha, a gente tá curtindo um som, conversando. Ali é uma diversão, mas eu curto mesmo uma diversão, sei lá, pra mim uma H. [boate]⁸⁵, levar meus amigos, (...) aí fica melhor, mas pra mim qualquer coisa é festa, estou fazendo festa (Luciano, 17 anos).

⁸⁵ Colchete para mostrar a que se referia.

Minha avó é uh oh! Me prende dentro de casa, começa discuti, as vezes ela é liberal, deixa sair, mas às vezes ela prende a gente, quando fico fora de casa uma semana. Eu só saio pra ficar rua [em situação de rua]⁸⁶ pra conversar, brincar de queimado, saio pra ir ao baile e pra ir na macumba (André, 16 anos).

4.3

Vivência na Exploração Sexual Comercial

Este momento do trabalho é dedicado ao relato da vivência do adolescente do sexo masculino na exploração sexual comercial. Para começar, apresenta o início da vida sexual dos garotos, notando uma iniciação precoce e situações de abuso sexual. Em sequência, mostra a percepção deles do início na exploração sexual comercial, as interferências que contribuíram para inserção deles no mercado do programa sexual, como também, seu relato sobre a sua experiência na atualidade e seu cotidiano nesta atividade.

▪ **Iniciação Sexual**

A idade média da primeira relação sexual do brasileiro como aponta a investigação realizada por pesquisadores de três universidades, Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, Universidade Federal da Bahia – UFBA e Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS sobre gravidez na adolescência intitulada como “GRAVAD: Gravidez na Adolescência estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil” dá como idade mediana de 16,2 anos para os rapazes e de 17,9 para anos para as moças (Heilborn 2006, p.51).

Já as pesquisas sobre as adolescentes do sexo feminino em situação de exploração sexual comercial apontam que as garotas iniciam a vida sexual precocemente. Na pesquisa realizada por Ávila, Oliveira e Filho (2005, p.3) sobre as meninas no mercado do sexo em Salvador a idade da primeira experiência sexual ocorreu aos 13 anos de idade e na pesquisa de Libório (2003, p.210) a idade das meninas varia de 7 anos até 16 anos, com predominância entre 12 e 14 anos.

⁸⁶ Colchete para mostrar a que se referia.

Esta realidade da precocidade da primeira relação sexual ocorre também nos casos dos adolescentes do sexo masculino em situação de exploração sexual. O Quadro 10 indica a idade da primeira relação sexual dos adolescentes, segundo relato dos mesmos:

Quadro 10: Iniciação Sexual

Idades	Parceiro (a)	Adolescentes
Aproximadamente 9 anos	Primo de 15 anos	Angelina, 14 anos
10 anos	Amigo de 15 anos	André, 16 anos
12 anos	Primo de 15 anos	Marina, 17 anos
13 anos	Prima de 12 anos	Gustavo, 16 anos
13 anos	Vizinha de 16 anos	Luciano, 17 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

Vale ressaltar que a iniciação sexual realizada por Angelina e por André é derivada de abuso sexual, uma vez que ambos encontravam-se na fase infantil e os parceiros sexuais estavam na adolescência, existindo assim uma desigualdade de entendimento do que ocorria e uma relação de poder por parte do adolescente, já que a criança não tem maturidade de definir sobre sua vontade sexual.

Os dois adolescentes relatam:

A primeira vez foi com meu primo, na época acho que ele tinha 16 ou uns 17. (...) Eu tinha uns 9 ou 10 (..) 8 ou 9. (...) Foi simples. Assim, era eu meu irmão e meu primo. Aí meu irmão foi e (...). Meu irmão também é homossexual. Meu irmão foi (...). Aí a gente tava no quarto brincando de médico, aí eu e ela [falando do irmão de 15 anos]⁸⁷. Aí chegou um dia em que ele [primo]⁸⁸ veio fazer sexo comigo e aí depois ele fez sexo com ela [irmão]⁸⁹ também. Aí foi assim. (...) Teve um tempinho, depois foi ele fez sexo com ela também. (...) Achei bom, pra mim achei bom [falando do ato sexual com o primo]⁹⁰ (Angelina, 14 anos).

⁸⁷ Colchete para mostrar a que se referia.

⁸⁸ Ibidem

⁸⁹ Ibidem

⁹⁰ Colchete para mostrar a que se referia.

Foi com 10 anos, foi bom, experimentei e gostei. Foi normal, foi com o A. na época ele era meu amigo, ele tinha 15 anos. (André, 16 anos).

As primeiras experiências sexuais dos adolescentes foram mantidas com parceiros próximos ao convívio familiar ou comunitário, sendo vizinhos ou primos. Além disso, chama atenção para a primeira relação ocorrer em função de um episódio esporádico e sem planejamento.

Pó! Cara! Não sei, sei lá, a gente nunca sabe se foi daquela vez, se deu certo, a gente que é novo. Sei lá, acho que foi com uns 13 anos. Foi com a T., uma menina lá, vizinha, uma vizinha maior de idade, maior assim maiorzinha, tinha uma cara de ter 16. 15 ou 16. Ah! Foi aquilo, né? Foi no amasso. O pai dela tinha saído, ela me chamou pra ir na casa dela. Ia lá pegar açúcar várias vezes, então (...). Tipo, os pais dela eram dono da casa que a minha mãe morava, então, eram várias lajes (Luciano, 17 anos).

Acho que eu tinha 13 anos, foi com a minha prima (risos), tem que ter uma prima no meio, não tem como tirar isso. (...) Foi normal, rolou o desespero, fiquei nervoso, mas fiquei tranquilo. (...) Ela tinha 12, mas ela já era grandona, já tinha hormônio forte (...), grandona, maior do que eu. (...) Hormônio, tipo assim, a pessoa tem o corpo tipo de gente grande, de quem tem mais idade. Eu era bobão, to falando! Eu era bobão lá na minha área (Gustavo, 16 anos).

Vale destacar também a iniciação sexual ligada ao pecado, com uma conotação de algo errado, principalmente se esta atividade for realizada com pessoa do mesmo sexo e a prática sexual for passiva. Isso foi relatado pelo adolescente que mostra identidade travesti. Ele disse ter se “perdido”, ofendendo a ordem familiar, provocando um problema de mal estar de saúde da mãe.

Aí, eu me perdi com 12 anos, com 13 falei pra minha mãe. Eu falei não, minha colega chegou, minha prima chegou e falou que eu tinha dado pro menino. Minha mãe desmaiou, foi pro hospital (...). Acho que ele tinha uns 15 anos, porque ele era mais velho. (...) Caraca! Foi assim, a gente tava brincando de polícia e ladrão. Ele era o dono da favela. Sempre assim, favelado só brinca disso. (...) Tava eu e meu outro primo que também é travesti também (...). Aí eles chamaram a gente pra passear, as mocinhas, a mulher do dono, que era meu primo. Aí essa minha prima [referindo ao primo]⁹¹ sabia que eu gostava do meu primo, ficou lá na casa, casa não, um quartinho assim pequenininho conversando com ele, aí falou que ele tava me chamando, aí ficamos conversando, conversando e aí

⁹¹ Ibidem

acabou rolando. Eu diria que não rolou sexo completo (...) rolou assim (...) metade das coisas e a outra metade melhor não rolou (Marina, 17 anos).

A iniciação sexual dos adolescentes do sexo masculino em situação de exploração sexual se deu com parceiros (as) que possuíam contatos, porém as relações não foram planejadas, e sim casuais, causando desconforto, medo, insegurança e ou sentimento de culpa.

▪ Início na Exploração Sexual

As pesquisas sobre meninas em situação de exploração sexual comercial indicam a predominância da primeira atividade sexual comercial com idade entre 12 e 14 anos (Libório 2003), porém existem crianças com idades mais precoces exploradas sexualmente no Brasil.

Veja-se a realidade dos rapazes entrevistados quanto a idade, o local e a motivação que os fizeram inserirem-se no mercado do sexo.

Quadro 11: Idade da primeira atividade sexual comercial

Idade da Primeira Atividade Sexual Comercial	Adolescentes
10 anos	André, 16 anos
11 anos	Angelina, 14 anos
14 anos	Marina, 17 anos
15 anos	Gustavo, 16 anos
16 anos	Luciano, 17 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

Ao se analisar o Quadro 11 percebe-se a idade precoce das primeiras práticas sexuais comerciais realizadas pelos garotos André e Angelina. Na época tinham 10 e 11 anos respectivamente.

Neste caso, cabe destacar que ambos tiveram as primeiras experiências sexuais, quando foram violentados quando ainda eram crianças.

Como salienta Libório (2003, p.212) ao tratar das adolescentes do sexo feminino que ingressaram no mercado do sexo ainda criança,

a gravidade desta situação deve ser considerada na medida em que, anteriormente ao desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários, ou seja, maturação biológica, a partir do qual podemos supor a maturação psicológica.

Além disso, foi identificado que os adolescentes do sexo masculinos vivenciam a exploração no mínimo há um ano, como são os casos de Gustavo (16 anos) e Luciano (17 anos). Os adolescentes Marina (17 anos) e Angelina (14 anos) dedicam-se ao mercado do sexo há 3 anos. E André (16 anos) está nesta atividade há mais de 6 anos.

A entrada dos adolescentes do sexo masculino na exploração sexual se deu de diferentes situações e em diferentes localidades. Veja-se o Quadro 12 a seguir.

Quadro 12: Localidade e Situações que conduziram os adolescentes do sexo masculino a exploração sexual comercial

Local	Situações	Adolescente
Pilares	Levada por uma amiga travesti	Marina, de 17 anos
Madureira	Abordada por um taxista	Angelina, de 14 anos
Belford Roxo	Abordado por um cliente vizinho	Luciano, 17 anos
Duque de Caxias	Abordado por um taxista	André, 16 anos
Nova Iguaçu	Abordado por um cliente num pagode	Gustavo, 16 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

Como já era esperado, os garotos não buscaram o mercado do sexo, e sim, foram conduzidos ou abordados pelos adultos para a exploração sexual, sucumbindo à vontade delituosa do adulto.

Para perceber esta situação, o relato dos adolescentes deixa clara a inserção dos mesmos no mercado do sexo.

Com 12 anos também, com 12 anos não, com 11. A primeira fez foi (...) Eu tenho uma irmã de 14, não de 16. Então minha irmã estava (...) ela era piranha também, faz programa lá em Madureira (...). Aí eu fui pra Madureira, eu fiz, e aí me parou um carro. Aí o cara: quantos anos você tem? E falei assim: eu tenho 15. Aí ele: hum! Novinha que é bom, você tá fazendo programa? Aí de repente falei: to. Aí ele perguntou: tá quanto? Aí falei tá tanto (...). Era 10 o boquete e 20 o completo. Aí ele falou: Pô, entra aí! Aí eu entrei. Era um taxista. Aí eu entrei, aí me levou numa rua escura, aí começou a passar a mão em mim e eu gostando, aí foi, aí eu fiz o programa com ele. Aí ele foi, deu o dinheiro, aí gozou e fui embora (Angelina, 14 anos).

Tinha 10 anos. Via as bichas trabalhando e eu ia muito a Lapa. Ia curtir a noite, queria ser travesti. Aí fui para uma festa em Niterói, a gente foi, M. e B., já são de maior eles, foi a primeira vez que eu fugi. Aí do nada apareceu um táxi, o taxista falou que me daria R\$ 50,00 se eu fiz programa com ele. Aí fomos, todos juntos para casa dele em Caxias. Foi legal pra caramba (André, 16 anos).

Estava num daqueles pagodes que rolavam na Rua da Lama. Eu estava lá, junto com a minha irmã. Era um monte de cara ficavam me olhando. Aí eu tava dançando, aí esse rapaz tava me olhando e minha irmã saiu com a colega dela. Aí eu fui lá no banheiro, aí ele ficou me olhando, aí falou lá, eu não consegui me controlar e aí (...) Ele pagou 50 (Gustavo, 16 anos).

Nestes casos os adolescentes foram abordados por homens desconhecidos, com propósito de manter relações sexuais, perguntando ou oferecendo dinheiro para realização do programa sexual comercial.

Chama atenção ainda, a existência de dois taxistas como exploradores⁹², mas principalmente para os adolescentes ainda crianças com idades entre 10 e 11 anos, estando nas ruas desprotegidos, sendo prezas fáceis para o mercado do sexo.

Outra questão que se apresenta, é a inserção dos adolescentes no mercado do sexo em função das pessoas do seu ciclo de convivência que apresentam o funcionamento do mercado do sexo, os direcionam para os pontos de prostituição ou para aqueles que os abordam para manterem relações sexuais comerciais, como ocorrem nos dois relatados a seguir:

⁹² Sobre os exploradores terá uma seção específica, apresentando o perfil deles a partir dos relatos dos adolescentes do sexo masculino em situação de exploração sexual comercial.

Ah! Eu tinha 16 anos. (...) Ah! Foi com um cara lá, que chegou e me deu um papo, a gente já sabia direito, todo mundo lá. Tipo, na minha área todo mundo é tranqüilo com essas paradas, então todos os maluquinhos de lá, até os garotinhos do bem, entendeu? Pega esse cara, porque ele é o dono da 'lan house', dá umas volta de moto. Aí foi nessa, dando uma volta de moto, aí foi nisso. Aí foi com essa cara, na casa dele, entendeu? (Luciano, 17 anos).

Eu fui, eu fui como a minha colega Larissa, Larissa travesti. (...) Ela tem 20 hoje, na época não. Na época não, ela tinha 16, 15. Ela caiu nova também. (...) E eu era com um corpo muito, muito, muito de homem, muito de homem (...). Ah! Eu tinha 13, 14 assim (Marina, 17 anos).

Assim sendo, além dos adolescentes serem cooptados para a exploração sexual comercial por parte dos adultos ou por parte de adolescentes mais velhos, existem outros fatores que interferiram para a inserção dos garotos ingressaram no mercado do sexo.

A inserção dos adolescentes do sexo masculino na exploração sexual ocorreu de várias formas, como pode-se ler no Quadro 13:

Quadro 13: Motivação que Interferiu no Encaminhamento para Exploração Sexual Comercial

Motivos	Adolescentes
Vivenciar a travestilidade	Marina, 17 anos
Por gostar desta atividade	Angelina, 14 anos
Por causa do dinheiro	Luciano, 17 anos
Curiosidade	André, 16 anos
Por estar drogado	Gustavo, 16 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

Como pode ser observado, existem distintas e diversas motivações para os adolescentes do sexo masculino se iniciarem na exploração sexual comercial. Por exemplo, o desejo de vivenciar a travestilidade como foi relatado por Marina (17 anos) relata:

Porque eu (...), por eu querer ser travesti, eu já tinha uma noção do que era e do que podia vir a acontecer. Por exemplo, eu sempre tive vontade de ser feminina. Então, eu cheguei na rua, já sabendo do que poderia, o que era a pista. Eu sabia que ia ganhar doce, eu sabia que ia ter mariconas, que eu ia brigar, sabia que eu ia ter que cortar. Graças a Deus eu nunca cortei ninguém não, mas já sabia de tudo. As bichas já tinham me contado, já tinham me preparado já. Já sabia que não iam me dá trabalho, que iam me olhar de cara feia. (...) É isso que o povo fala pra gente, que homem de peito não ganha trabalho em lugar nenhum. (...) Aí! As bichas falavam pra mim. Mas ainda com esses peitos desse tamanho que eu vou botar. Imagina, ninguém vai querer me dá trabalho (Marina, 17 anos).

Além do preconceito e do estigma acerca da identidade sexual da travesti, o imaginário, o significado da prostituição para as travestis, apresenta um espaço importante para socialização desse grupo, fazendo com que os adolescentes que buscam esta identidade sejam capturados facilmente pelo mercado do sexo. Neste sentido, Marina destaca as instruções recebidas sobre o funcionamento e a realidade da vida nas ruas para a realização dos programas sexuais.

Angelina de 14 anos relata que o motivo foi outro, “*por causa que é uma coisa que eu gosto (...), acho que já nasci com sangue de, de programa mesmo*”, apontando a habilidade natural para a realização de programas sexuais, e que a prostituição era uma das profissões pensada na infância, “*Aí eu passei em frente a thermas e aí pensando: Caraca! Imagina um dia eu trabalhando ali. E eu (...) praticamente pra mim, a pessoa que trabalha nessa vida, eu acho que (...). Eu teria muito orgulho do trabalho que eu tenho e foi assim*”. Identifica-se na verdade que o processo de identidade sexual travesti e a primeira relação sexual ter sido precoce estão vinculados.

O dinheiro também aparece determinante e fator motivador para inserção no mercado do sexo, funcionando a exploração sexual comercial como complementação de renda. Nesta perspectiva, ressalta-se o relato do adolescente Luciano (17 anos), que diz assim: “*Cara! Por quê? Sei lá, é um dinheiro a mais pra gente. (...) Começa nisso, mas depois também vê que está com o dinheiro (...)*”.

Ademais, fatores como estar sob efeito de drogas e a curiosidade pela prostituição aparecem na fala dos adolescentes como razões que desencadearam a aceitação do convite do adulto para a prática da relação sexual comercial.

Veja-se a fala dos adolescentes:

Ah! Deu na telha, perguntei pra mim, será que as bichas ganham muito dinheiro? (André, 16 anos).

Sei lá, eu tava ruim também, rola tudo com a bicha velha, (risos) (Gustavo, 16 anos).

Apesar dos adolescentes não explicitarem abertamente, percebe-se implicitamente nas falas deles o desejo e o prazer da prática sexual, em especial da prática sexual homossexual, que com uma gratificação em dinheiro apresenta-se como estimulante e motivador para a inserção no mercado do sexo. Desse modo, para os adolescentes michês esta relação os isenta do estigma da identidade homossexual. Já para os adolescentes travestis ou os chamados de bichas, isto reforça a homossexualidade.

A exploração sexual comercial para quatro dos cinco adolescentes foi iniciada de forma eventual, meio por acaso, as relações sexuais comerciais através da abordagem dos adultos, em momentos que eles não esperavam ou se tinham preparado para realização desta prática.

Na atualidade a exploração sexual comercial apresenta-se no cotidiano para os cinco adolescentes, sendo uma atividade diária, organizada dentro da lógica do mercado sexual.

Após conhecer o processo inicial dos adolescentes na exploração sexual comercial, faz-se necessário compreender o processo atual, já que os garotos encontram-se no mercado do sexo.

▪ A Exploração Sexual Comercial Hoje

Os cinco adolescentes encontram-se em situação de exploração sexual comercial na atualidade, porém as atividades exercidas, o tempo, a duração, o preço e os locais do programa sexual comercial ocorrem de forma distinta.

Quadro 14: Caracterização da exploração sexual e local da atividade

Local	Características	Adolescentes
Quinta da Boa Vista e Copacabana	Permanência em Pontos de Prostituição na rua	Angelina, 14 anos
Quinta da Boa Vista	Permanência em Pontos de Prostituição na rua	Marina, 17 anos
Lapa e Centro	Permanência em Pontos de prostituição na rua e boate	Luciano, 17 anos
Lapa e Centro	Permanência em Pontos de prostituição na rua e boate	Gustavo, 16 anos
Imediações da Rodoviária Novo Rio	Permanência em situação de rua a espera de abordagem	André, 16 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

Este Quadro resume três características da realização da exploração sexual comercial: prostituição de rua, boates e situação de rua. A prostituição de rua, como já foi salientado (capítulo III), faz parte da baixa prostituição segundo Gaspar (1985). Oferece alto risco para as pessoas que ficam expostas aguardando os clientes para a realização do programa sexual, podendo ser vítimas de violência, como agressões, chacotas e furtos. Além disso, os preços do programa sexual dentro da lógica do mercado são baixos e as práticas sexuais são realizadas nos carros, nas ruas e em hotéis baratos sem maiores cuidados.

A realização da prostituição em boates faz parte da média prostituição. Os programas têm uma segurança maior tanto para quem se prostitui como para os clientes, comparada com a prostituição de rua. Os preços do programa são mais altos, porém a dedicação à boate é intensa.

Já na situação de rua, o programa sexual apresenta-se sem nenhuma proteção, com preços muito baixos. Os adolescentes realizam outras atividades, como vender balas

nos semáforos e consomem drogas. Os programas sexuais são eventuais, não vinculando-os a uma forma de trabalho e nem complementação de renda.

Para se compreender melhor as características da exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino, serão apresentados no Quadro 15 os horários dedicados ao mercado do sexo e os preços segundo a forma da atividade sexual.

Quadro 15: Caracterização da Exploração Sexual Comercial:

Horário e Frequência

Horário	Frequência	Característica	Adolescentes
Das 19 horas a 00 horas	Diária	Prostituição de rua	Marina, 17 anos
Das 18 horas a 4 horas	Diária	Prostituição de rua	Angelina, 14 anos
Disponibilidade de 24 horas	De 4ª a domingo	Boate	Luciano, 17 anos
Das 20 horas até o fechamento da Boate	As 3ª, 5ª e 6ª feiras	Boate	Gustavo, 16 anos
Não tem horário fixo	Não informado	Situação de rua	André, 16 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

A jornada destinada à exploração sexual comercial é longa e com frequência regular nos pontos de prostituição de rua, com permanência até nove horas, de segunda a segunda.

Esta é a realidade vivenciada por Angelina (14 anos) que diz assim: “*Bom, eu trabalho assim, de seis e meia até quatro horas da manhã, quando eu quero. Eu trabalho todo dia. Faço na Quinta e em Copacabana*”.

Observa-se ainda, que Angelina (14 anos) e Marina (17 anos) afirmam que fazem esta atividade quando querem, porém encontram-se na prostituição diariamente, não existindo dias de descanso e lazer.

A prostituição de rua aparece também de forma esporádica nos casos dos adolescentes que são explorados sexualmente em boates, a rua ocorre somente quando o faturamento é abaixo do esperado.

Como relata Luciano de 17 anos,

Eu costumo ficar de quarta até domingo, quando eu estou bem, entendeu? (...) Segunda e terça é de lei, tenho que descansar, entendeu? Porque se não você fica louco. (...) Das 5 até a hora que fechar [referindo-se a boate], quando está ruim vou pra Lapa e fico até arrumar um (...). Depois volto e já fico lá [boate], já acordo por lá, então acho que é 24 horas no caso, é só ligar, marcar. E também tem isso, pode ligar, entendeu? Eu acordo, eu como. E aí acontece, faz parte do trabalho (Luciano, 17 anos).

Neste caso, destaca-se a dedicação integral a exploração sexual comercial realizada pelo adolescente Luciano, ficando 24 horas disponíveis para a realização do programa sexual, tanto na rua quanto na boate, incluindo os serviços telefônicos servidos por esse estabelecimento.

Os adolescentes do sexo masculino encontram-se nas diferentes formas da modalidade prostituição, transitando entre a prostituição de rua e em boates, podendo ainda um adolescente em situação de rua passar a realizar programa sexual em boate.

A exploração sexual relacionada à situação de rua, como é o caso do André, aparenta não se apoiar numa estrutura definida de prostituição, sendo o atrativo para este adolescente a situação de rua e não a exploração sexual comercial, porém ambas estão diretamente relacionadas, já que nas ruas a exposição e a possibilidade de ser abordado pelo adulto para manter relação sexual comercial é alto.

Outra diferença no mercado do sexo encontra-se no preço cobrado pelo programa sexual comercial, que é estabelecido de acordo com o local da prostituição, do papel sexual realizado e da duração do ato sexual.

O Quadro 16 apresenta o preço e o papel desenvolvidos no ato sexual pelos adolescentes do sexo masculino nos programas sexuais.

Quadro 16: Preço e Papel no Sexo de Programas

Preço	Papel no Sexo	Adolescentes
R\$ 10,00 (sexo oral) R\$ 20,00 (penetração) R\$ 30 (30 minutos)	Passiva	Marina, 17 anos
R\$ 10,00 (sexo oral) R\$ 20,00 (penetração) R\$ 30,00 (30 minutos)	Ativo e Passivo	Angelina,.14 anos
R\$ 35, 00 (25 minutos) R\$ 50,00 (sem tempo determinado)	Ativo	Luciano, 14 anos
R\$ 50,00 (sem tempo determinado)	Ativo	Gustavo, 16 anos
R\$ 05, 00 (masturbação) R\$ 10,00 (sexo oral) R\$ 20 (20 minutos) R\$ 50,00 (pernoite)	Ativo e Passivo	André, 16 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

Como se pode observar no Quadro 16, existe uma relação de preço conforme o ato sexual (ativo ou passivo) ou duração da prática sexual, demonstrando uma organização do mercado sexo, incluindo os programas sexuais realizados pelo adolescente em situação de rua.

Entretanto, os programas sexuais realizados na área de concentração de adolescentes em a situação de rua são mais baratos, vide a situação de André, que recebe a quantia mais baixa pela prática sexual comercial, realizando prática de masturbação por R\$ 5,00 (cinco reais). Esta atividade sexual nem é relacionada pelos demais adolescentes. Além disso, além do sexo oral, as outras práticas sexuais o preço cobrado é inferior, recebendo R\$ 50,00 (cinquenta reais) por pernoitar com o cliente é esta quantia recebida por Luciano (17 anos) e Gustavo (16 anos) em programas sexuais realizados dentro da boate, Gustavo relata “*eu cobro 50 até sei lá, até ele gozar sozinho eu cobro 50*”.

E Luciano de 17 anos diz que:

O preço base é 35 por vinte e cinco minutos, a maioria dos clientes não querem ficar só vinte e cinco minutos, então eu faço assim, paga 50 e a gente fica o tempo que for preciso pra fazer, entendeu? Aí eu acho até mais tranquilo e eles também, então eu faço isso, esse esquema.

Percebe-se que na boate há um preço fixo, em função do comentário feito por Luciano, apontando um preço estabelecido, porém existe permissão para estabelecer um acordo com o cliente.

O programa sexual comercial dentro da prostituição de rua realizado por Marina e Angelina, também encontra-se dentro de uma relação de preços estabelecidos, sendo o valor de acordo com a atividade exercida pelas travestis adultas da Quinta da Boa Vista.

Os papéis sexuais estão divididos entre ativos e passivos na relação sexual, sendo apresentado no Quadro 16 que Luciano (17 anos) e Gustavo (16 anos) desempenham a função ativa no programa sexual, já Marina participa como passiva e os adolescentes André e Angelina desempenham os dois papéis.

Como aponta o adolescente Luciano os clientes insistem para ele exercer a função passiva, ocorrendo o contrário com Marina, já que solicitam para a mesma desempenhar a função ativa. Ambos relataram que recusam a inversão das posições sexuais, mesmo com altas propostas em dinheiro.

De acordo com Luciano,

Eu não faço passivo, mas os caras, os clientes ficam em cima, entendeu? Todo dia os caras chegam lá, oferecem grana direto e isso me estressa (...). Eu falo não já com raiva. (...) Porque não gosto, sei lá, (risos) nunca fiz, entendeu? Mas, também não quero nem mais fazer. Não, pra mim tá bom assim. Muitos boys dizem assim: pô cara! Pra você ganhar dinheiro você tem que fazer o completo, mas eu prefiro ser ativo, tranquilo, bem, ter o meu, do que ficar rico, perder na mão assim.

Marina apresenta relato semelhante, colocando-se assim: *“só faço passivo, mas os homens insistem para ..., mas faço não, não gosto, sou feminina”*.

Com base neste relato, identifica-se a estrutura enraizada na concepção binária do gênero, na diferenciação entre macho-fêmea através da relação ativo e passivo no ato

sexual, porém a quebra dessa aparece como fetiche no mercado sexual, no qual a insistência e a oferta para a inversão é freqüente.

Como já foi observado, os adolescentes são prostituídos nas ruas e em boates com alta freqüência, alguns dedicam-se a exploração sexual diariamente e outros ficam à disposição as 24 horas do dia para possíveis relações sexuais comerciais. Esses adolescentes mantêm média diária de programas sexuais, conforme elucida o quadro abaixo.

Quadro 17: Média Diária de Programas Sexuais

Média Diária de Programas	Adolescentes
Entre 4 e 7	Marina, 17 anos
Entre 4 ou 5	Angelina, 14 anos
Entre nenhum e 5	Luciano, 14 anos
Entre nenhum e 3	Gustavo, 16 anos
Não Informou	André, 16 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

Apesar dos adolescentes Luciano e Gustavo apontarem a existência de dias em que não praticam relações sexuais comerciais, em função do baixo movimento da boate ou por não serem escolhidos pelos clientes, eles ficam disponíveis para o mercado do sexo.

Mas também ocorrem os dias em que a quantidade dos programas sexuais é alta. Desse modo, Luciano de 17 anos explica:

Pô cara! Depende muito, depende assim, eu posso dizer o mínimo e o máximo. Assim: o mínimo é fazer nenhum e o máximo é 5, foi o auge assim, umas 2 vezes que consegui fazer 5, mas também, pô!

A característica da exploração sexual comercial é a incerteza, afinal não sabem se vão conseguir clientes na noite e se terão dinheiro no final da noite.

Os adolescentes também comentam sobre as incertezas da realização dos programas. Como pode ser observado nos relatos de Marina (17 anos) e Angelina (14 anos).

Aí nem, arrumo uns R\$ 150,00, ontem fiz 4 programas só e arrumei R\$ 100,00 (...) cheguei na rua 10 horas. Eu sempre faço uns 6 programas, 7 depende, tem dia que na rola nada, mas é muito difícil (Marina, 17 anos).

Tem dia que não arrumo nada, mas sempre faço uns 2, 3, programas, o máximo foi 6 eu acho (Angelina, 14 anos).

Ao analisar esses relatos identifica-se que existe um mercado consumidor do mercado do sexo, envolvendo adolescentes do sexo masculino, e que este público não é pequeno, afinal existe uma média alta de programas realizados pelos adolescentes por dia.

Também é importante destacar que violência na exploração sexual comercial não está somente na realização de programas sexuais, mas também na exposição, na disponibilidade e o não recebimento por esses serviços, caracterizando da mesma forma a violência, a exploração. O lucro dos comerciantes do sexo e da rede de exploração sexual como um todo é certo, visto que é cobrado do adolescente uma taxa para o exercício dos programas.

No mercado do sexo tudo tem um preço, inclusive a rua e a boate, assim os adolescentes para ficarem expostos nos lugares para realizar programas sexuais, geralmente pagam uma taxa ao “dono do local”.

Quadro 18: O Preço da Rua e da Boate

Respostas	Adolescentes
R\$ 120,00 semanais pelo república onde mora e pelo ponto de prostituição na rua (Quinta da Boa Vista).	Marina, 17 anos
R\$ 50,00 semanais pelo ponto de prostituição de rua (Quinta da Boa Vista).	Angelina, 14 anos
R\$ 15,00 para a utilização da cabine de “casal” da boate R\$ 10,00 para a utilização da cabine de “solteiro” da boate.	Luciano, 17 anos, Gustavo, 16 anos
Não tem preço	André

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

Ao observar o Quadro 18, percebem-se três formas distintas de cobrança feita: rua, república e cabine. A primeira forma consiste no pagamento pela permanência da rua, na qual os adolescentes pagam para ficar expostos aguardando abordagem dos clientes.

Na segunda forma o adolescente precisa pagar além da rua o local de moradia, sendo isto um esquema organizado pela rede de exploração sexual para manutenção, controle dos adolescentes. O dinheiro adquirido pelos adolescentes com os programas sexuais comerciais é comprometido com os aluguéis da rua e moradia.

Conforme verbaliza Marina, “*eu pago aonde eu moro, eu não pago rua, pago aonde eu moro, quem mora junto comigo paga R\$ 120, 00 toda quinta*”.

A terceira forma, a cabine na boate, é geralmente paga pelo cliente para manter relação sexual comercial com os adolescentes, não tendo ônus real para os jovens, porém faz com que os mesmos mantenham relações sexuais nestes locais, atraindo-os clientes e gerando lucro para o estabelecimento.

Como aponta Luciano, “a cabine casal é 15 e solteiro é 10. Tipo assim, a casa local pra não ficar pesado pro cliente, a casa colocou 15 a cabine que vai pro dono lá é 35 pra gente”.

Contudo, vale salientar que existem locais, como Lapa – Centro, as imediações da Rodoviária Novo Rio – Santo Cristo e Copacabana que os adolescentes não pagam para realizarem programas sexuais comerciais. A Rodoviária Novo Rio e Lapa são apontados como pontos de prostituição, que não possuem “dono do ponto”. Em Copacabana existem os “donos do ponto”, mas para quem não tem vínculo neste local ou está iniciando na atividade não é cobrada nenhuma taxa, pois como é salientado por Angelina de 14 anos, *“Copacabana não paga, não paga, só paga pra aquelas que já estão lá bastante tempo. Agora, pra nós que não desce muito, a gente não paga”*.

▪ **Gastar o dinheiro adquirido com a exploração sexual**

Indagou-se então aos adolescentes como eles gastam o dinheiro arrecadado na atividade sexual que desenvolvem, aparecendo as respostas dadas nos itens apresentados no quadro 19:

Quadro 19: Gastando o Dinheiro

Respostas	Adolescentes
Comida, aluguel, cabelo, roupa, silicone e hormônio.	Marina, 17 anos
Maquilagem, perfumes, tamanco, roupas e hormônio.	Angelina, 14 anos
Pagando dívida da amiga, passear com as namoradas, roupas.	Luciano, 17 anos
Roupa de “marca”, bebida alcoólica, droga e saídas com os amigos.	Gustavo, 16 anos
Roupas, Creme de cabelo, chinelo, baile funk, macumba e com o namorado	André, 16 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

A maioria das despesas dos adolescentes são produtos relacionados à indústria cultural da moda, circunscrita na lógica do consumo, como os produtos de beleza, as roupas de marca, como também na diversão de idas aos bailes funks e o consumo de

drogas, mas também, os artigos direcionados à estética são aspectos valorizados pelos adolescentes.

Nesta perspectiva, chama-se a atenção para os itens citados nos seus relatos: os cuidados com o cabelo, o uso de silicone e a ingestão de hormônio. Esses itens são importantes para os adolescentes do sexo masculino com identidade de travesti.

Comprei cabelo, comprei esse cabelo aqui, ele foi mil reais (...) Ih! Com silicone e hormônio também, mas hormônio parei, tomo mais não, chega, cansei, porque vou colocar prótese. Aí tem que parar um pouquinho, porque vai tirar hormônio de mulher do nosso corpo tudo, pra colocar o peito (...) tem que tirar porque vou colocar prótese no seio. Eu já tenho silicone líquido aqui no quadril e na bunda. (...) Assim a travesti tem que ter cabelão, peitão e óleo no corpo, assim com um corpo bem, aí é travesti. Eu falta um peito. Vou jogar o peito pra fora (Marina, 17 anos).

Além disso, mas relatos feitos chamaram a atenção o pagamento de dívida apontado por Luciano e no interesse com as coisas ligadas à religião de matriz africana relatado por André. Ainda foram citados gastos com namorados e amigos.

▪ Os Encantos e Desencantos da Exploração Sexual Comercial

Além de saber-se a contabilidade do dinheiro arrecadado com a realização dos programas sexuais comercial é interessante procurar compreender o que caracteriza o ambiente dessa atividade para esses adolescentes.

Quadro 20: Os Encantos da Exploração Sexual

Respostas	Adolescentes
A reunião da bichas	Marina, 17 anos
As conversas com outras travestis e os clientes	Angelina, 14 anos
As brincadeiras entre os garotos de programa e o aprendizado com os clientes	Luciano, 17 anos
O contato com os clientes e com os outros garotos de programa	Gustavo, 16 anos
Os clients	André, 16 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

As interações mantidas no ambiente ressaltam alguns aspectos interessantes.

Para melhor entendimento, será apresentado o relato da Marina (17 anos), que diz:

As coisas boas da pista é quando estou com as bichas reunidas. Aí eu me sinto bem. Aí, quando as bichas vão embora, aí começo a me sentir mal, porque ali, porque as bichas é como se fosse uma família pra mim, quando tá todas reunidas, porque mal ou bem a gente conversa. Mas é aquilo, cada uma no teu canto, mas se bater em uma, tem que bater em todas, aí a gente se sente família, entendeu, uma conversa com a outra (...).

Além disso, os clientes também aparecem como um aspecto positivo do mercado do sexo, seja por causa da relação sexual mantida ou por causa das conversas estabelecidas e principalmente pela cultura de vida, que aprendem com os mesmos.

De acordo com Angelina (14 anos), “Os homens também, quando já chega e fala, a gente para no hotel e conversa, ele fala da vida dele e eu da minha. É essa, e os homens que nos pegamos, né”.

Conforme relato Luciano (17 anos),

Eu estou aprendendo muita coisa, o cliente fala coisas que me interessou, tipo, o cliente lá que trabalha na informática. Pô! Eu me amarro em informática, já vou montar um computador com ele, entendeu? Pô! Como é o esquema? O HD, tudo

e tal aí me interessou, entendeu? Uma coisa que já pode me ajudar, já vou levar lá pra Caxias, já vou ter computador, pra conversar lá.

Nem tudo na exploração sexual comercial é encanto. Alias são muitas dificuldades e enfrentamentos que tem que ser superados. O Quadro 21 retrata a percepção dos garotos sobre essas situações.

Quadro 21: Desencanto da Exploração Sexual

Respostas	Adolescente
Violência física, o não pagamento pelo programa sexual e o furto dos pertences	Marina, 17 anos
Violência física, discriminação, concorrência pelo ponto de prostituição	Angelina, 14 anos
Tentativas de inversões dos papéis sexuais nos programas sexuais	Luciano, 17 anos
Não teve nenhuma situação ruim	Gustavo, 16 anos
	André, 16 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

Apesar de dois adolescentes verbalizaram que nada os incomodava na atividade que exerciam, não tendo vivenciado nenhuma situação de desconforto, existem situações extremamente perigosas e desconfortáveis para os garotos no mercado do sexo.

Neste sentido, foram apontadas as inversões dos papéis sexuais nos programas sexuais, pois conforme ressalta Luciano, “eu não faço passivo, mas os caras, os clientes ficam em cima, entendeu? Todo dia os caras chegam lá e isso me estressa, isso acaba comigo”.

A violência aparece nos pontos de prostituição, especialmente na prostituição de rua, pois como verbaliza Angelina:

As coisas ruins. Quando aparece aqueles que gostam de bater, quando aparece aqueles que gostam de fazer aquela discriminação, quando tem concorrência de pista. (...) é uma cafetina querendo pegar a pista da outra e as filhas que estão trabalhando que pagam o pato. Quanto mais uma travesti chamada C.. Ela outro dia foi lá na Quinta e tudo bem. Cercou a Quinta toda, só que esqueceu daquela escada. Não tem uma escada dali debaixo? Já viu? Todas as bichas tiveram que correr tudo pra escada. Aí tudo bem, todo mundo correu, aí ela foi embora. Aí a cafetina da Quinta da Boa Vista pegou as bichas lá de Leopoldina que tava devendo ela, levou lá em Madureira e as bichas foram lá e sacudiram Madureira. Ai, mas se essa cafetina pegar, ela faz barbarizar.

Como relatava Marina,

Aí o homem que deu 2 pistoladas na minha cabeça. Aí porque ele falou que não ia pagar, entendeu? Aí falei que ele ia pagar sim, que eu não fiz programa com ele atoa. Aí ele foi e deu duas pistoladas na minha cabeça. Aí fui e dei 2 pisadão no peito dele. Aí foi ele caiu assim dentro do carro, porque foi de dentro do carro. Aí ele parou na Quinta e eu dei dois tapão na cara dele. Falei agora você vai me dar seu dinheiro todo. Aí as bichas veio e falou: não, você vai pagar a bicha sim, que ninguém tá aqui atoa. Nós não tá na rua porque a gente gosta não, a gente tá porque precisa. Ele tava armado, mas a arma dele caiu fora do carro, aí as bichas abusada, chutou, uma pegou, entendeu? Aí ele foi e deu o dinheiro todo.

Além disso, Marina acrescenta falando das brigas com outra travesti na república onde mora, dizendo: “Eu já briguei com travesti sim. Lá na casa, por causa que ela queria levar minha roupa muito cara. Aí eu subi nela”.

Observa-se neste estudo que somente os adolescentes com identidade travesti relataram sofrer com os atos de violência no mercado sexual, sendo praticada pelos clientes, pelos transeuntes, pelos colegas da prostituição, pelos donos dos pontos de prostituição e também entre elas. Consistindo assim num espaço violento.

Luciano e Gustavo pontuam que não sofreram nenhum ato de violência contra si, tampouco participaram de algum confronto, porém dizem que há violência nos pontos de prostituição onde atuam.

Como efeito de exemplificação, segue o relato dos dois adolescentes:

Tipo acontece, já aconteceu alguma coisa, entendeu? Que foi assim muito fora do comum, entendeu? Eu só sei que eles W. com o boy caíram na porrada. Eu tipo, estava querendo separar. Isso foi numa reunião de boys. (Luciano, 17 anos).

Já sei que rolou várias brigas ali dentro, como Í., com o N. também, agora comigo ninguém falou nada não (Gustavo, 16 anos).

▪ O Explorador

Este trecho tem como intuito descobrir quem são os exploradores sexuais dos garotos, identificado os aliciadores-agenciadores e clientes através das vozes dos garotos.

Entende-se por explorador sexual o indivíduo ou grupo que participa do mercado do sexo, tanto de forma integral como eventual, sendo peça chave para o funcionamento deste mercado, afinal captura, vende e consome os corpos dos adolescentes.

Os exploradores sexuais são caracterizados como aliciadores-agenciadores e clientes, existindo especificidades entre os papéis de cada um. O aliciador convence, suborna, coopta, induz ou força criança e/ ou o adolescente a ingressar na rede de exploração sexual, para depois comercializá-los, mediando os corpos dos mesmos para outrem. Os clientes são aqueles que compram, isto é, pagam para a criança e o adolescente praticarem atos sexuais com eles. Eles regem o mercado, escolhendo o perfil da vítima que desejam, e estabelecendo o valor que as crianças e adolescentes valem no comércio do sexo.

No entanto, as posições de exploradores sexuais não são estanques e nem isoladas, podendo o agenciador realizar a função do cliente, como cliente desempenhar também o papel de agenciador e assim sucessivamente.

A Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para Fins de Exploração Sexual Comercial – PESTRAF aponta para a incidência dos homens como maiores exploradores, indicando que: *“os homens (59%) aparecem como maior incidência no processo de aliciamento/agenciamento ou recrutamento de mulheres, crianças e adolescentes nas redes de tráfico para fins sexuais, cuja faixa etária oscila entre 20 e 56 anos”*.

Apesar de existirem mulheres que exploram sexualmente crianças e adolescentes, elas também exercem poder sobre as mesmas, a mulher aparece em menor escala que o

homem devido ao processo cultural, já que existe uma maior repressão sexual feminina, onde não é permitido, culturalmente à mulher, tomar a iniciativa na relação sexual, porque a sociedade rotula isso como algo negativo. Ainda de acordo com a PESTRAF a incidência em relação às mulheres como aliciadora é de 41% e a faixa etária delas é de 20 a 35 anos de idade.

Neste sentido, os adolescentes contaram sobre a participação desse grupo na exploração sexual comercial, a que eles estão submetidos.

Quadro 22: Aliciador-Agenciador

Aliciador-Agenciador	Adolescentes
Amigo, cliente e dono da boate	Luciano, 17 anos Gustavo, 16 anos
Amigo, cliente e cafetão	Angelina, 14 anos
Amigo e cliente	André, 16 anos
Amigo, primo e cafetão	Marina, 17 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

De acordo com os adolescentes entrevistados, as pessoas que os conduziram para um determinado ponto de prostituição foram pessoas próximas do seu convívio, como amigos e parentes que já realizavam programas sexuais comerciais.

Para exemplificar, segue abaixo o relato da Marina:

Eu fui pra Pilares, eu fui como a minha colega Larissa (...) Na época não, ela tinha 16, 15. Ela caiu nova também”. (...) Na Quinta meu primo que me levou, me levou pra lá e eu fiquei.

Os aliciadores também aparecem como clientes, uma vez que além de convencer os adolescentes a manterem relações sexuais com eles, indicam os mesmos para outras pessoas.

Como diz Luciano,

Teve esse (dono da lan house) e mais outro na minha área, que espalharam pra Coelho da Rocha, Eder, que é tudo bairros vizinhos ali, aí marca na Via Show, entendeu? A gente ia pra hotel e ficava lá, tipo terminou, ah! Vou embora, tchau, tchau.

Embora os amigos e os clientes apresentados como aliciadores, não foi identificado se eles tiveram alguma vantagem financeira em levar os adolescentes para os pontos de prostituição ou de divulgá-los para outrem.

Entretanto, os comerciantes do sexo, aqueles que lucram com a prostituição alheia, estão presentes na exploração sexual comercial dos adolescentes do sexo masculino, seja através da cobrança pelos pontos de prostituição, oferecendo uma proteção, como relata Marina de 17 anos, “Eu pago pra Bicha Boy, pago a rua e a casa das travestis, assim ninguém mexe com a gente. (...) É de lei, toda quinta ele passa pra pegar dinheiro”. Acrescentando, Angelina de 14 anos “pro homem, se não outra cafetina bota a gente pra correr, uma travesti de outro lugar correu atrás de mim lá em Madureira, já”.

O perfil dos clientes dos adolescentes, sob a ótica dos garotos são:

Quadro 23: Os clientes

Perfil Clientes	Adolescente
Homens, com idades entre 20 e 60 anos	Luciano, 17 anos
Homens, com idade entre 20 e 50 anos, casados	Marina, 17 anos
Homens, com idade entre 18 a 60 anos, casados	André, 16 anos
Homens, com idades entre 28 a 40 anos e mulheres	Gustavo, 16 anos
Homens, com idades entre 20 e 50 anos, taxistas e mulheres	Angelina, 14 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

Segundo os garotos, os clientes são na sua maioria homens, na faixa etária entre 18 e 60 anos, ou seja, na idade considerada produtiva economicamente. Algumas características são destacadas pelos adolescentes; a profissão taxista, apontada por

Angelina de 14 anos ou o estado civil de casado, indicados por Marina e André, que configuram, o status social dos clientes como o de trabalhador e homem de família.

Como verbaliza André, “*Ah! Tantas mariconas (...) só homens, casados, de 18 até uns 60. Ah! Tem novo, tem velho, uns caducos e caquéticos*”.

No entanto, nem só de homens é formada a clientela dos adolescentes nos programas sexuais, pois mulheres também figuram nesta posição. Angelina e Gustavo, relatam essas situações esporádicas.

Eu já saí com mulher já, era um casal (...) ai! Ele tava me comendo e eu botando o dedo na (...), tem que falar? (...) E! Aí ele foi e falou assim: vai lá (...). Aí foi, ele me pagou 100 reais (Angelina, 14 anos).

Saí com uma mulher (...), não é coroa, aquela mais ou menos, entendeu? Mora perto da minha casa no Jacarezinho, acho que uns 40, ela pagou 20, mas eu já estava louquinho por ela, estava já só esperando a oportunidade. (risos) Tem que ver como ela é? Mas foi só uma vez (Gustavo de 16 anos).

Desse modo, percebe-se que na maioria dos casos o explorador é o homem, desempenhando tanto o papel de aliciador – agenciador quanto de “cliente”.

▪ Os garotos nas outras modalidades da exploração sexual

Uma questão apresenta-se ainda: será que além da exploração sexual realizadas na rua ou na boate os adolescentes do sexo masculino estão inseridos nas outras modalidades tais como: pornografia, tráfico para fins sexuais e turismo sexual?

▪ Pornografia

A pornografia é entendida pela exibição de materiais que apresentam, expõem ou descrevem crianças e adolescentes em poses sexuais, expondo genitálias ou mantendo relações sexuais com adultos, com outras crianças ou adolescentes e com animais.

E como isso já foi vivenciado pelos adolescentes deste estudo: O Quadro 24 da idéia da vivencia disso por esses adolescentes.

Quadro 24 – Formas de Pornografia

Respostas	Adolescentes
Convite para a realização de filme pornô	Marina, 17 anos
Fotos sensuais divulgadas no site Orkut	Angelina, 14 anos
Expectativa de realização de filme pornô e Fotos sensuais divulgadas no site Orkut e no site da Boate	Luciano, 17 anos
Convite para fotos sensuais	Gustavo, 16 anos
Não verbalizou nenhuma situação	André, 16 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

Com base neste Quadro, observa-se que a pornografia faz parte do cotidiano de quatros adolescentes, pois dois já tiveram convites para participarem de filmes pornôs, como relata Marina (17 anos): *“Eu já fui chamada pra fazer filme pornô, mas fiz não, não tenho nenhum pouquinho de vontade de fazer”* Luciano (17 anos) vai além, dizendo:

Pô! Apareceu um cara lá ontem, falando que fazia, mas convidar, não falou não. Falou que estava dando uma olhada, que já tinha combinado com o W. O W. ia escolher os boys, então estou por dentro, tentando aí uma chance, se for bem remunerado, claro. Nada de me queimar por pouco.

Mas a pornografia não aparece somente através dos convites para a realização dos filmes pornôs. As fotos sensuais também fazem parte do universo desses adolescentes. Gustavo já foi convidado para posar. Luciano e Angelina falam das divulgações de fotografias sensuais no site Orkut⁹³ nas páginas pessoais; Luciano acrescenta que suas fotos também estão expostas na página do Orkut da boate, fazendo parte da divulgação do estabelecimento. Como verbaliza este jovem:

Já, bem antes mesmo dessa doidera, dessa vida toda, já tinha lançado umas fotos super loucas no orkut, eu já gostava mesmo de aloprrar, porque eu sempre tive um corpinho assim, entendeu? Maneirinho, tranqüilo, então, era o meu esquema

⁹³ O Orkut é site de relacionamentos, criado em 2004, sendo filiado a Corporação Google.

lançar no orkut, todo mundo ver, aí sempre assim! Já na boate, pro trabalho lá, já está no orkut da boate (Luciano, 17 anos).

▪ Turismo Sexual

Como já foi abordado no capítulo I deste trabalho, o turismo sexual ocorre quando pessoas de outras nacionalidades e naturalidades viajam para lugares à procura da prática de atos sexuais.

Ao indagar aos adolescentes a respeito da origem dos clientes, eles responderam desconhecer a procedência dos clientes brasileiros, porém falaram de programas sexuais com homens de outras nacionalidades, como mostra o quadro abaixo:

Quadro 25: Programa sexual com estrangeiros

Respostas	Adolescentes
Nigeriano	Marina, 17 anos
Argentino	Angelina, 14 anos
Chinês	Luciano
Não tiveram Experiência.	André e Gustavo

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

As respostas de Marina e Angelina, citando um nigeriano e argentino não configuram o turismo sexual, pois segundo os relatos dessas travestis os clientes residem na cidade do Rio de Janeiro.

Para melhor compreensão, seguem o relato das adolescentes:

O Nigeriano é até meu amigo hoje, virou meu amigo, faz programa comigo, mas é meu amigo agora. Amigo não, colega, ele mora aqui, veio fugido de lá (Marina, 17 anos).

Com um argentino de lá de perto de casa, ele é quase brasileiro, já mora aqui um tempão (Angelina, 14 anos).

Embora o adolescente Luciano não fale de turismo sexual, a relação sexual com um chinês, indica a existência desta atividade, pois como este adolescente verbaliza:

Sim com um Chinês, (risos) hilário, hilário, hilário. Um Chinês, jovem e bonito. Foi eu e outro boy, mas o maluco só falava inglês. Ele era Chinês, mas falava inglês falso.

Os adolescentes do sexo masculino entrevistados não têm o turismo sexual no seu cotidiano no mercado do sexo. Os pontos de prostituição de rua desses jovens não são áreas de turismo do Rio de Janeiro, no horário noturno.

▪ Tráfico para Fins Sexuais

No tráfico de crianças e adolescentes para fins sexuais, os mesmos são levados para outras cidades, estados ou países sendo forçadas a praticarem atos sexuais, geralmente ficando presas em locais vinculadas a supostas dívidas, contraída pelo custo do transporte, alimentação, vestuário, produto estéticos, entre outras.

Os cinco adolescentes do sexo masculino verbalizaram não terem vivenciado nenhuma situação de tráfico para fins sexuais, porém a Marina fala da sua viagem para Europa, indicando uma suposta situação de tráfico para fins sexuais.

Para exemplificar, apresenta-se o relato de Marina que disse assim: *“final do ano agora [2008]⁹⁴ vou pra Espanha, vou trabalhar lá, a bicha vai mandar dinheiro pra eu ir”*.

Concluindo, as modalidades da exploração sexual comercial, pornografia, turismo sexual e tráfico para fins sexuais circundam os cinco adolescentes do sexo masculino prostituídos.

⁹⁴ Colchete para mostrar o período.

4.4

Os Garotos Explorados Sexualmente nos Programas de Política Pública de Enfrentamento à Exploração

Antes de mostrar-se a presença dos programas de política de combate à exploração sexual na visão dos adolescentes, relacionam-se as perspectivas de futuro que esses garotos imaginam para si, assim como as observações que fazem a respeito dos próprios recursos da sociedade que conheceram.

▪ Quanto às Perspectivas de futuro

O propósito deste trecho é conhecer as perspectivas para o futuro dos adolescentes, saber os seus sonhos, os seus desejos e em especial os projetos e expectativa de vida.

O que eles pensam sobre seu futuro?

Quadro 26: Perspectivas de Futuro

Perspectivas de futuro	Adolescentes
Possuir um carro e uma casa	Marina, 17 anos
Possuir carro, casa, comprar roupas e produtos de beleza e fazer a vida na Europa	Angelina, 14 anos
Cursa faculdade, chefiar equipe de escavação arqueológica e sair da prostituição	Luciano, 17 anos
Cursar faculdade e trabalhar	Gustavo, 16 anos
Morrer	André, 16 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

Ao examinar suas falas, nota-se que dois adolescentes almejam ter uma casa, um carro, mas também com segurança e tranquilidade. Marina relata: *Ai! O meu futuro, eu penso estar com o meu dinheirinho, meu carrinho simples, minha casinha, só isso, mais nada.*

Diferentemente, Angelina de 14 anos ressalta que

o meu futuro, eu penso em ser uma travesti na Europa, só voltar de 3 em 3 meses. Ter minhas coisas, meu carro, minha casa, ter várias coisas pra mim mesmo, (...) minhas roupas, meu tamancos, minhas maquilagens e meus perfumes.

Angelina dá ênfase tanto ao desejo por adquirir artigos femininos e bens materiais quanto à realização da prostituição na Europa, que supostamente para ela seria uma forma para conquistar os bens, mas também prestígio no grupo de travestis.

A retomada dos estudos, a entrada numa universidade e a realização de outro trabalho são os desejos dos garotos Luciano (17 anos) e Gustavo (16 anos). Verbaliza Gustavo “*Primeiro eu quero acabar meus estudos Vou fazendo uma faculdade de enfermeiro, tá trabalhando, sair dessa vida*”.

Já Luciano relata assim:

Meu futuro, tipo, eu vou estudar, vou ficar levando essa vida e depois que terminar a minha faculdade, que já está paga pelo meu padrinho. Então, só preciso terminar o primeiro e o segundo ano, terceiro ano. Aí vou pra faculdade, aí quando chegar na faculdade, aí quando estiver sei lá no quinto período, já vou pra arqueologia, que aí já posso chefiar uma escavação arqueológica, entendeu? Aí eu sei que vou sair dessa vida, mas eu sei que vou dá meus pulinhos (risos), vê o pessoal, né?

Neste dois relatos, aparece o afastamento da prostituição como expectativa de futuro, porém para Gustavo será um rompimento, diferentemente de Luciano que cogita a realização de programas sexuais comerciais eventuais, mesmo afastado do mercado do sexo.

Por fim, surge à perspectiva de morte apontada por André, que relatou categoricamente, dizendo assim: “*Ai! Meu futuro? Meu futuro é a morte e pronto, não tenho nada*”, demonstrando revolta com a vida”.

▪ Quanto às Formas para Evitar a Exploração Sexual

Entendendo que para pensar nas soluções para o enfrentamento da exploração sexual comercial infanto-juvenil é preciso inserir os adolescentes no debate político das

próprias situações de exploração que vive. Neste sentido, os garotos deste estudo foram indagados sobre o que e como fazer para outros adolescentes não entrarem na prostituição.

Quadro 27: Formas para evitar a Exploração

Respostas	Adolescentes
Centro Social	Marina, 17 anos
Repressão Policial	Angelina, 14 anos
Nada	André, 16 anos Gustavo, 16 anos Luciano, 17 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

Para três dos cinco adolescentes não tem nada a ser feito para evitar a inserção dos adolescentes do sexo masculino no mercado do sexo, visto que para eles os adolescentes gostam dessa atividade, para eles esta seria um trabalho.

Por mim não podem fazer nada. Deixa a gente feliz, que é o pessoal que gosta disso, o pessoal que faz, é o pessoal que gosta cara (...). É como qualquer outro trabalho, entendeu? Só que é um trabalho mais particular, entendeu? Você vai ter que fazer mais escondido e tal, mas e aí? Por mim, entendeu? Tem que fazer, se tiver a vontade, se não tiver também vá procurar outra coisa. Sentiu a vontade, fica também, sabendo pra quem contar tudo, sua vida, tem que contar para as pessoas certas pra ficar seguro (Luciano, 17 anos).

Além disso, a inoperância do Estado é apontada como uma das formas de não ter como evitar a entrada da exploração, pois conforme Gustavo salienta: “O Conselho Tutelar deve discriminar isso por demais, né? Sei lá, mas o que eles podem fazer cara? Não podem fazer nada, eles nunca chegaram e falaram comigo”, indicando que o Estado não chega até eles.

Mas de acordo com Angelina, o Estado até chega, através da polícia, porém não executa sua função, pois para esta,

a polícia tomar (...) Eu acho que a polícia tem que tomar mais atitudes em certas coisas, porque tem polícia que ver um adolescente na rua, pára e se tiver com alguma (...), assim por exemplo, se tiver um celular eles tomam, dão porrada e manda embora (Angelina, 14 anos).

Percebe-se que para Angelina a repressão policial seria uma forma de coibir a exploração sexual comercial infanto-juvenil se agisse de maneira apropriada.

Já para Marina, uma medida específica e pontual para evitar a exploração sexual comercial seria a criação de um espaço para os homossexuais adolescentes, relatando que

Precisa de um Centro Social para elas. Bota só as novinhas de até 18 lá (...) Eu acho que bicha nova não deveria se prostituir. Eu acho que travesti não deveria se prostituir, poderia até se prostituir, mas fosse que nem na Espanha, que tivesse apartamento para as bichas, direitinho, não igual aqui que a gente fica jogada no meio da rua. Os homens vim matar, como se a gente não fosse ninguém, vim bater. A gente tem que brigar, puxar a navalha, tem que cortar. Eu não acho, não certo não, não acho bonito não (Marina, 17 anos).

Após esses contundentes relatos, veja-se o que referem a respeito dos Programas específicos de Combate ao Abuso e Exploração Sexual Infanto-Juvenil, assim como das redes de proteção.

Como foi apresentado no início do primeiro capítulo desta dissertação, nas últimas três décadas o Brasil tem se dedicado ao enfrentamento da exploração sexual comercial, criando legislação, planos, programas e projetos específicos para este fenômeno. Na cidade do Rio de Janeiro a situação também não é diferente, pois algumas medidas foram criadas ao longo dos últimos anos, existindo na atualidade um programa específico para atender aos casos de exploração sexual comercial, o Serviço de Combate ao Abuso e Exploração Sexual – SECABEXS.

Ao indagar aos cinco garotos sobre a passagem ou atendimento recebido por um serviço de enfrentamento a exploração sexual, somente um adolescente disse ter sido acompanhado por um programa especializado, no entanto, não fora em nenhum dos cinco SECABEXS existentes na cidade, mas sim pelo Centro de Referência da Infância e Adolescentes/ Fundação para Infância e Adolescência – CRIA/ FIA, porém isso ocorreu entre 2005 e 2006, não sabendo explicar os motivos da descontinuidade do atendimento.

Conforme relata André de 16 anos,

Eu já passei por tanto lugar (...), já tive nesses negócios de prostituição sim, lá na FIA. Eu adorava o pessoal, gostava da comida, de dormir lá. Fiz muitas amizades com as outras bichas da rua, mas tudo acabou. (...) Ih! Já faz um tempão, acho que foi em 2006, eu acho, já nem lembro, agora nem fico mais na FIA.

Notou-se que pelo o menos esses adolescentes do sexo masculino em situação de exploração sexual, não estão inseridos nos programas de combate a exploração sexual comercial. Não percebem as abordagens noturnas realizadas pelo SECABEXS como uma forma de proteção.

Ao serem indagados sobre as redes de proteção que conheciam, os adolescentes informaram ter passado por várias instâncias, conforme vê-se no Quadro 28:

Quadro 28: Rede de Proteção

Rede de Proteção	Adolescentes
Conselho Tutelar	Luciano, 17 anos
Conselho Tutelar e Clínica de Drogadícios.	Gustavo, 16 anos
Conselho Tutelar, Abrigos, ONGs, Promotoria, Juizado da Infância, Juventude e do Idoso, Juizado da Infância e Juventude, Cursos Profissionalizantes e Delegacia de Proteção a Criança e Adolescente.	André, 16 anos
Nenhuma instituição	Angelina, 14 anos Marina, 17 anos

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro”. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

Neste Quadro fica claro que três adolescentes já foram atendidos pelo Conselho Tutelar, porém de acordo com estes as passagens por esse órgão ocorreram antes de serem explorados sexualmente, como por exemplo,

Já tive no Conselho Tutelar, porque tipo, minha mãe (...) ficou bolada comigo nesse caso, aí já me expulsou de casa (...) mas minha mãe deu a louca e foi no Conselho Tutelar, mandou carta pra mulher(...) Aí foi e eu voltei pra casa. Mas tipo já fui no conselho tutelar umas 3 vezes. Tipo, eu fui mais porque se eu tivesse ido na primeira vez no psicólogo, acho que teria ficado tranquilo, mas como eu

fugi, entendeu? Era pra ir na quinta-feira, aí quanto foi na terça eu me consultava, conversava e tal, mas quando era na quinta que era o psicólogo eu não fui, aí por isso que deu mais erro, mas agora tá tranquilo, isso aí está superado (Luciano, 17 anos).

Para Gustavo (16 anos) o motivo do atendimento pelo Conselho Tutelar foi o consumo de drogas, ressaltando que sobre a exploração sexual nunca foi abordado, pois como ele mesmo diz,

Conselho Tutelar é ruim em! Nunca teve uma ocorrência, a única ocorrência que eu já tive foi quando estive internado. (...) Eu tinha 12 anos, me seguraram, me pegaram A minha mãe já tinha ligado, quando cheguei em casa, já tinha um monte de gente me segurando, aí me botaram na van e me levaram, eu era viciado em pó.

Já o adolescente André (16 anos) foi atendido por diversões órgãos de proteção a criança e adolescente, como ele mesmo fala,

Claro, que já fui no Conselho Tutelar, desde pequeno, quem me acompanha agora é o Conselheiro A. (...) Já sou conhecido nos lugares, dia desses até o cara da Delegacia disse: André, você aqui de novo! Já passei por tanto lugar, abrigo foi mais por 10 eu acho, foi Carioca, Raul Seixas, Dom Bosco, FIA, ah! Montão. Já fiz curso de manicure, oh! Eu que fiz minhas unhas, tipo francesinha, participei do Pequeno Jornaleiro, do Circo Escola, da Vila Olímpica. Até no Padre Severino eu já passei, já sou amigo da Promotora, da Juíza.

A grande quantidade de órgãos de proteção que André passou, foi em decorrência da situação de rua, que é uma situação mais visível para os adolescentes do sexo masculino, ao contrário da situação de exploração sexual masculina, que continua invisível. Destaca-se neste caso a inoperância do Estado, já que o adolescente continua em situação de risco, estando em situação de rua e de exploração sexual comercial.

Em se tratando de invisibilidade, chama atenção para aqueles que não tiveram passagem por nenhum órgão de proteção a criança e o adolescente, isto é, foram os garotos com identidade de travesti, há um total esquecimento deste grupo, não tendo seus direitos garantidos.